

# exame.

APRESENTADO POR



## SANTA CATARINA: UM ESTADO À FRENTE

Segurança, competitividade, qualidade de vida, recorde de empregos: uma combinação única faz de Santa Catarina um estado campeão na atração de investidores, turistas e moradores





[descubra.sc.gov.br](http://descubra.sc.gov.br)

BEBER COM MODERAÇÃO

# DESCUBRA SANTA CATARINA

O estado mais seguro do Brasil  
está de braços abertos pra você.

Muito além das praias, aproveite as montanhas, os parques, as festas, a gastronomia, a cultura e tudo o que Santa Catarina oferece. Em todas as estações, seja bem-vindo ao estado mais seguro e com a melhor qualidade de vida do Brasil. Nós vamos adorar surpreender você.



GOVERNO DE  
**SANTA  
CATARINA**  
SECRETARIA DO TURISMO



7

**CARTA**

8

**COMPETITIVIDADE**  
Santa Catarina alia qualidade de vida a competitividade econômica e tem índices semelhantes aos de países desenvolvidos

16

**MAPA DE OPORTUNIDADES**  
Com 1% do território brasileiro, Santa Catarina é exemplo de diversidade econômica — cada região desenvolveu vocação própria

26

**SEGURANÇA**  
O estado mantém o status de mais seguro do Brasil, fruto de política pública estruturada, planejamento, tecnologia e investimento

32

**INDÚSTRIA**  
A economia industrial catarinense absorve 33% da mão de obra do estado e mantém presença relevante no comércio internacional

38

**INOVAÇÃO**  
O setor de tecnologia abriga 29.000 empresas e gera cerca de 100.000 empregos diretos, um ecossistema que engloba todas as regiões de SC



Oktoberfest, em Blumenau: a festa em 2025 atraiu mais de 81.000 visitantes e registrou lucro recorde de 12,1 milhões de reais

DANIEL ZIMMERMANN



Perini Business Park, em Joinville: o setor de tecnologia do estado faturou 42,5 bilhões de reais e trouxe sangue novo para a região industrial

RICARDO WOLFFENBÜTTEL



# SUMÁRIO

LEANDRO FONSECA

42

**COOPERATIVISMO**  
As cooperativas, em diferentes setores da economia, abraçam cerca de 58% da população catarinense; o triplo da média nacional, que é de 17%

46

**TURISMO**  
Destino de turistas nacionais e estrangeiros durante as quatro estações do ano, Santa Catarina tem atrações que vão da praia à serra

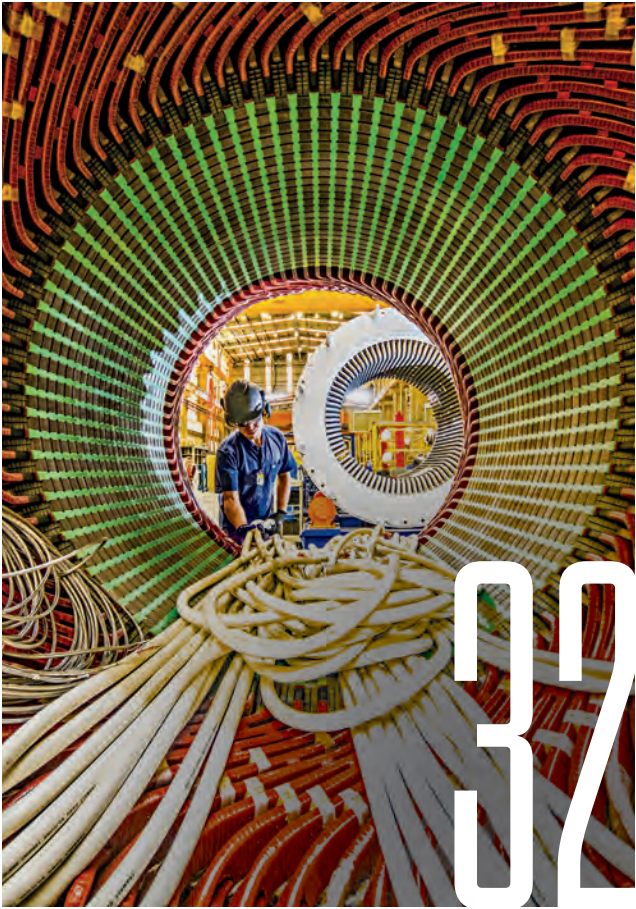
52

**TRANSPORTE**  
Obras de infraestrutura recebem investimentos bilionários e vão consolidar Santa Catarina como um dos polos logísticos mais eficientes do Brasil

58

**IMAGEM**

Fábrica da WEG em Jaraguá do Sul: empresa representa a vocação industrial de Santa Catarina



LEANDRO FONSECA



Diretor de Redação  
Lucas Amorim

Editores  
Ivan Padilla, Leo Branco, Lia Rizzo,  
Luciano Pádua, Mariana Martucci e Mitchel Diniz

Editores Assistentes e Repórteres  
André Lopes, André Martins, Carolina Ingizza, César H. S. Rezende,  
Daniel Giussani, Estela Marconi, Gabriel Rubinstein, Isabela Rovaroto,  
Júlia Storch, Juliana Pio, Laura Pancini, Layane Serrano, Letícia Furlan,  
Letícia Ozório, Luiz Anversa, Luiza Vilela, Mateus Omena,  
Rafael Balago, Rebecca Crepaldi, Sofia Schuck, Tamires Vitorio,  
Maria Eduarda Lameza e Paloma Lazzaro (estagiárias)

Arte: Carolina Gehlen (chefe), Carmen Fukunari (editora)  
e Letícia de Cássia (designer)

Foto: Leandro Fonseca (editor) e Julio Gomes  
www.exame.com

Esta edição especial customizada foi produzida pela EXAME Ltda.  
para o Governo do Estado de Santa Catarina.

Edição: Gabriella Sandoval  
Coordenação: Júlio Alves e Bruna Lima  
Publicidade e Projetos Especiais: Rafael Davini, Daniela Serafim e Leonardo Annibal

Colaboradores  
Repórteres: Luciano Manenti e Rafael Martini  
Revisão: Raquel Siqueira Ramos e Silvana Marli de Souza Fernandes

www.exame.com

Redação e Correspondência: Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 1830, 3º andar,  
Itaim Bibi, CEP 04543-900, São Paulo, SP

Publicidade São Paulo e informações sobre representantes  
de publicidade no Brasil e no exterior: publicidade@exame.com

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.  
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110,  
Juiz de Fora, MG

FALE CONOSCO

Vendas corporativas, projetos  
especiais e vendas em lote:  
publicidade@exame.com

ATENDIMENTO

SAC e venda de revistas para consumidores  
finais: atendimento@exame.com

Atendimento telefônico (de 2ª a 6ª-feira, das  
10 às 18 horas) e WhatsApp: (11) 3003-9343

Para acessar sua revista digital:  
https://exame.com/edicoes/

EXAME PARA EMPRESAS

empresas@exame.com

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de  
textos e imagens, envie um e-mail para:  
licenciamento@exame.com

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em banca pelo  
preço de capa da última edição  
publicada mais despesa de remessa.  
Solicite ao jornalista mais próximo.

RELEASES

releases@exame.com

CORRESPONDÊNCIA

Comentários sobre o conteúdo editorial  
da EXAME, sugestões e críticas:  
redacao@exame.com

Cartas e mensagens devem trazer nome  
completo, endereço e telefone do autor.  
Por razões de espaço ou clareza, elas  
poderão ser publicadas de forma reduzida.

PUBLICIDADE

Anuncie na EXAME e fale com o público  
leitor mais qualificado do Brasil:  
publicidade@exame.com  
(11) 91162-9770

PROTEÇÃO DE DADOS (LGPD)

meusdados@exame.com



Indústria: se fosse um país, o estado seria dono da menor  
taxa de desemprego do mundo, entre os países da OCDE

O PROTAGONISMO DE SANTA CATARINA

DA COMPETITIVIDADE À QUALIDADE DE VIDA, SOBRAM ARGUMENTOS PARA  
MOSTRAR POR QUE O ESTADO, QUE OCUPA APENAS 1% DO TERRITÓRIO NACIONAL,  
ESTÁ À FRENTE DA CONCORRÊNCIA

O ESTADO QUE MAIS ATRAI NOVOS  
MORADORES. O estado mais seguro  
do país. O estado preferido pelos  
turistas argentinos. O campeão em  
cooperativismo. E em expectativa de  
vida. Dono da menor taxa de desem-  
prego do mundo. Sede de algumas  
das maiores empresas brasileiras.  
Onde estão praias, vinícolas e parques  
referências nacionais. E também os  
portos mais eficientes do Brasil. Tudo  
isso ocupando apenas 1% do territó-  
rio nacional. Sobram argumentos  
para mostrar por que Santa Catarina  
está à frente, como mostra a capa  
desta revista especial.

A EXAME tem uma conexão es-  
pecial com o estado, onde está nossa  
única sucursal fora de São Paulo. Em  
uma série de reportagens especiais  
nesta edição, ampliamos os fatos  
e as histórias que contamos todos  
os dias em reportagens focadas em  
inovação e empreendedorismo. Elas  
mostram um estado conectado com  
suas raízes, marcadas pela imigra-  
ção de portugueses, alemães e ita-  
lianos. Mostram também um estado  
inovador e dinâmico, que tem nos  
Estados Unidos o principal destino  
de exportações, uma prova da qua-  
lidade de seus produtos e serviços.

Mostram, ainda, um estado cam-  
peão em descentralização, com seis  
regiões fortes em indústria, em ser-  
viços, em inovação, em turismo. “O  
resultado é um ambiente em que  
a competitividade não depende de  
um único polo hegemônico, mas da  
soma das partes”, diz o texto de uma  
das reportagens. “Santa Catarina  
construiu um modelo menos sujeito  
a ciclos abruptos e mais ancorado em  
diversificação e previsibilidade.” São  
qualidades que vêm trazendo um pro-  
tagonismo crescente ao estado, num  
momento de grandes transformações  
no Brasil e no mundo. Boa leitura! ●



# UM ESTADO À FRENTE

**SANTA CATARINA COMBINA QUALIDADE DE VIDA COM COMPETITIVIDADE ECONÔMICA. ATRAI MORADORES, CRIA OPORTUNIDADES E VIRA DESTAQUE GLOBAL**

LUCIANO MANENTI



LEANDRO FONSECA

**A** IMAGEM DE SANTA CATARINA SEMPRE CONTOU COM UMA BOA DOSE DE CHARME E ENCANTAMENTO. Pode ser por causa da bela composição de paisagens entre praias e montanhas, dos indicadores sociais relativamente melhores que os do restante do país, ou de uma economia que produziu algumas das marcas mais bem-sucedidas do mercado brasileiro ao longo das últimas décadas. Esse capital simbólico, no entanto, por muito tempo funcionou mais como atributo histórico do que como um ativo com potencial transformador

para o futuro. Santa Catarina era vista como um bom lugar para viver e produzir, mas raramente como um projeto claro de liderança econômica nacional. Mas esse jogo mudou. O que há de diferente agora é a disposição dos catarinenses para ir mais longe — e firmar uma posição de destaque no que diz respeito à competitividade e ao potencial do estado para atrair investimentos e prosperar numa competição não só nacional, mas também global. Historicamente, o estado sempre teve um peso econômico superior a seu tamanho: é apenas o décimo em população, mas o sexto maior PIB es-

Vista das pontes que ligam a Ilha de Santa Catarina ao continente: equilíbrio entre capital e interior dá força à economia catarinense

ta-  
tual. De uns anos para cá, Santa Catarina tem feito um esforço para se tornar tão ou mais competitiva quanto São Paulo (a maior economia do país) e construir uma marca internacionalmente reconhecida (como o Rio de Janeiro ainda é) — mas sem incorrer em mazelas como a falta de segurança e problemas insolúveis de mobilidade.

Trata-se de uma ambição rara no contexto brasileiro: crescer sem reproduzir os custos sociais e urbanos normalmente associados à escala. Em vez de apostar em megacidades ou projetos concentrados, o estado aposta em um modelo distribuído, fundamentado em cidades médias, infraestrutura funcional e diversificação produtiva. “Santa Catarina não tem as mazelas sociais de outras regiões, inclusive de grandes metrópoles, e isso pesa diretamente na decisão de investimento que empresas e investidores precisam tomar”, diz Pablo Bittencourt, economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc). Em outras palavras, o estado faz o possível para, definitivamente, brilhar. Um dos indicadores de que essa ambição começa a dar frutos está no Ranking de Competitividade dos Estados, elaborado anualmente pelo Centro de Liderança Pública (CLP) para mensurar a capacidade das unidades federativas de gerar bem-estar para a população. Santa Catarina ocupa a segunda posição dessa lista desde 2016 — mas de uns anos para cá a distância para São Paulo, que é o líder, vem diminuindo. De 2024 para 2025, Santa Catarina manteve a primeira colocação em Segurança Pública e Capital Humano. No ano passado, o estado também ocupou a segunda posição em Inovação e em Sustentabilidade Social, e a terceira em Potencial de Mercado, em que subiu sete posições em relação a 2024. Esses rankings são relevantes não apenas como fotografia estatística, mas porque refletem decisões acumuladas ao longo do tempo — muitas delas administrativas, técnicas e pouco visíveis — que moldam o ambiente de negócios e a qualidade de vida de forma duradoura. Outros números mais recentes também mostram os resultados de um trabalho coletivo de melhoria no ambiente de negócios catarinense. Desde a pandemia, a economia do estado cresce acima da média nacional. A estimativa da Secretaria de Planejamento é de que o PIB de Santa Catarina tenha crescido 5,2% em 2024 (ante 3,4% de aumento no Brasil) e outros 4,5% em 2025, quando o crescimento do país deve ter ficado em meros 2,25%. O estado se tornou uma fábrica de novas empresas.



Foram abertos 278.000 novos negócios em 2025 — o maior resultado em uma década. Mais do que um surto empreendedor episódico, esse movimento indica confiança estrutural no ambiente econômico local. Empresas tendem a nascer — e a sobreviver — onde regras são previsíveis, o mercado consumidor é sólido e a mão de obra está disponível.

Esses bons resultados se devem a uma combinação de atitudes que deveriam ser óbvias, embora a história brasileira mostre quanto têm sido raras: melhorar o que pode ser melhorado — e não estragar o que funciona bem.

De fato, parte do sucesso recente de Santa Catarina pode ser atribuída a uma boa base — o que está diretamente ligado à diversificação produtiva. Diferentemente de estados excessivamente dependentes de um único setor — como commodities, serviços públicos ou consumo —, a economia catarinense se apoia em um tripé relativamente equilibrado entre indústria, serviços e agropecuária, o que dilui riscos e amplia a capacidade de adaptação a choques externos. “A coisa mais relevante para o investimento em Santa Catarina, ou para a manutenção do ciclo de investimento, é a presença de uma estrutura produtiva diversificada”, diz Bittencourt, da Fiesc. “Isso não só permite aproveitar conjunturas econômicas diferentes como também estimula a presença de fornecedores e clientes próximos, formando uma massa crítica que promove novos investimentos industriais.”

Essa massa crítica cria um efeito de autoalimentação: empresas atraem fornecedores, fornecedores atraem novos investimentos, e o mercado de trabalho se qualifica de forma contínua, elevando a produtividade média do estado.

A indústria continua sendo um dos principais pilares. O estado mantém uma das bases industriais mais diversificadas do país, com destaque para alimentos e bebidas, metalmecânica, máquinas e equipamentos, têxtil, cerâmica, móveis e produtos químicos.

Em vários desses segmentos, Santa Catarina ocupa posições de liderança nacional em participação no valor da transformação industrial e nas exportações, apoiada por cadeias produtivas densas, capital humano qualificado com a ajuda de uma rede robusta de escolas técnicas e forte integração com centros de pesquisa e universidades.

Essa proximidade entre indústria, formação técnica e pesquisa aplicada ajuda a explicar por que o estado conseguiu preservar competitividade mesmo em períodos de valorização cambial, juros elevados e desaceleração econômica nacional.

A agropecuária mantém um papel que vai muito além da produção primária. As boas safras de grãos e o desempenho da indústria de proteína animal — especialmente aves e suínos — continuam exercendo forte efeito multiplicador sobre os setores de alimentos, transporte e serviços. Em períodos de



Beto Carreiro World, em Penha [SC]: o estado tem vocação para gerar empresas capazes de disputar as primeiras posições em seus setores

desaceleração industrial, o agronegócio funciona como um amortecedor cíclico, sustentando emprego, renda e exportações em diversas regiões do estado.

O setor de serviços, por sua vez, deixou de ser apenas complementar. Serviços logísticos, tecnologia da informação, engenharia, saúde, educação privada e turismo avançaram de forma consistente nos últimos anos, acompanhando o crescimento da renda e a formalização do mercado de trabalho. Mesmo em um ambiente de juros elevados, o volume de serviços no estado cresceu 5% nos últimos 12 meses, acima da média nacional de 3,1%, refletindo o maior dinamismo da economia local e a robustez da demanda interna.

Essa diversidade aparece de forma clara no comércio exterior. Santa Catarina exportou cerca de 11,7 bilhões de dólares em 2024, com uma pauta relativamente pouco concentrada e presença em dezenas de mercados internacionais. O equilíbrio entre produtos industriais, agroindustriais e bens de maior valor agregado reduz a vulnerabilidade a oscilações de preços ou a choques específicos de demanda global.

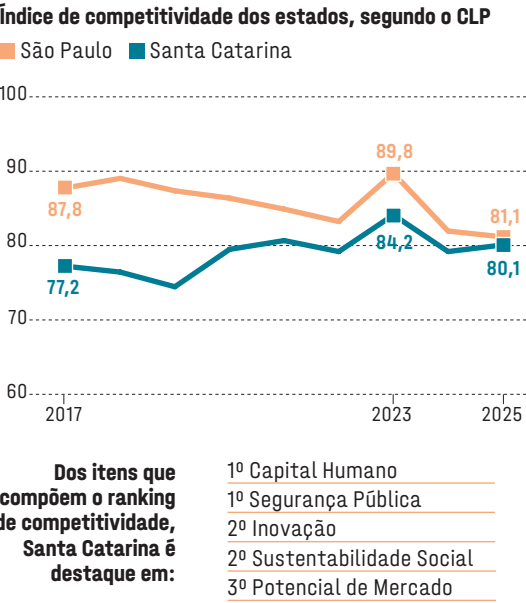
Há por trás de tudo isso uma substancial capacidade de renovação sem perder certa vocação para gerar negócios capazes de disputar a liderança em seus setores. Há 10 ou 20 anos, uma lista das principais empresas catarinenses conteria nomes como Weg e Tupy, do setor metalmecânico; Hering na indústria têxtil; Sadia e Perdigão na produção de alimentos e o parque Beto Carrero World. Boa parte dessas marcas continua forte no mercado, ainda que elas tenham passado por transformações estruturais e societárias. Algumas, como a Weg e a Tupy,

GANHOS DE COMPETITIVIDADE

Santa Catarina é o segundo estado mais competitivo do país há nove anos, segundo o ranking anual do Centro de Liderança Pública (CLP)

Ranking dos estados mais competitivos do Brasil — 2025	1º São Paulo
	2º Santa Catarina
	3º Paraná
	4º Distrito Federal
	5º Rio Grande do Sul

De acordo com os critérios do ranking, a distância de SC para o primeiro colocado é cada vez menor



Fonte: CLP.

aprofundaram-se em processos de internacionalização muito bem-sucedidos. Hoje, elas dividem espaço com empresas mais jovens, nascidas em um ambiente de inovação, tecnologia e serviços avançados — um sinal claro de renovação do tecido produtivo —, como fabricantes de softwares, empresas de logística e as construtoras que fizeram de Balneário Camboriú a cidade mais verticalizada do país, com seus arranha-céus que ultrapassam 200 metros de altura. E já há uma nova geração de companhias nascidas no século 21 com raízes na inovação e na tecnologia que consolidam suas marcas, muitas das quais com vocação global.

“Existe uma raiz empreendedora muito forte no estado, muito ligada à sua formação histórica e à imigração”, diz Diego Ramos, presidente da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate).

A resiliência catarinense, portanto, não é fruto de acaso nem de conjuntura favorável isolada. Ela resulta de uma economia que distribui riscos,



combina setores tradicionais e modernos e transforma diversidade produtiva em estabilidade — um atributo raro em um país historicamente marcado por ciclos extremos.

Parte dos bons resultados se deve a um esforço recente para aprimorar e modernizar a infraestrutura, que por muito tempo foi um dos principais gargalos do estado. Começou pelos portos — hoje situam-se em Santa Catarina dois dos três maiores terminais de contêineres do país e alguns dos melhores, como mostram os indicadores de eficiência da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq).

Outro caso emblemático é o das rodovias. Em poucos anos, Santa Catarina promoveu uma inflexão histórica na qualidade de sua malha viária. O estado está investindo mais de 5,1 bilhões de reais nas estradas estaduais, o que, somado a 1,45 bilhão de reais em manutenção e conservação, reduz tempo de deslocamento, custos logísticos e riscos operacionais para empresas.

Mais importante do que o volume de obras foi a mudança institucional. Por meio da Invest SC, o governo de Santa Catarina estruturou as primeiras

Centro de Inovação em Santa Catarina: uma nova geração de negócios em formação

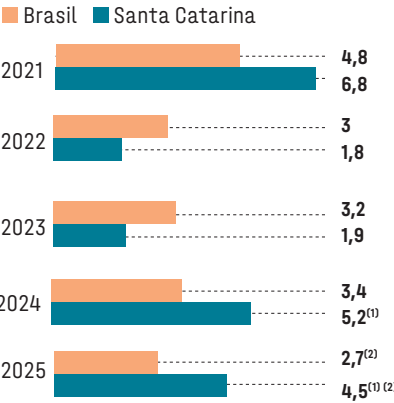


JONATÁ ROCHA/SECOM

OS ATRATIVOS CATARINENSES

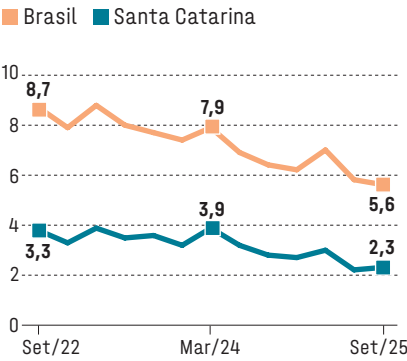
O que faz do estado um destino promissor para empresas, investidores e profissionais

**1. Crescimento acima da média**  
Em três dos últimos cinco anos, a economia catarinense cresceu mais do que a do Brasil (variação anual do PIB, em %)



**2. Mercado de trabalho aquecido**  
Santa Catarina tem uma taxa de desemprego que é a menor do Brasil — e comparável à dos países mais desenvolvidos

**Taxa de desocupação, em % da população economicamente ativa**



No 3º trimestre de 2025, o desemprego em SC foi menor do que a média da OCDE (5%) e inferior à do Japão (2,4%) e à da Coreia do Sul (2,7%)

**ALTA FORMALIDADE**  
**73%** dos trabalhadores de SC têm emprego formal (o maior percentual do país)

**POUCOS “NEM-NEM”**  
**11%** dos jovens de 15 a 29 anos de SC não trabalham nem estudam (o menor percentual do país)

3. Qualidade de vida

Em relação aos demais estados brasileiros, SC tem...

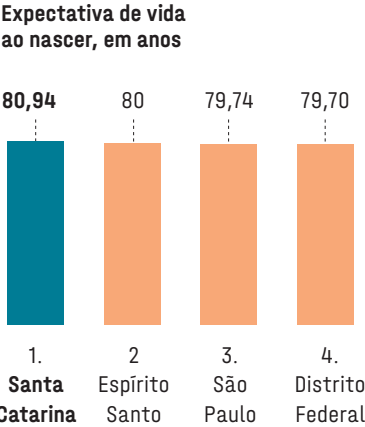
... a menor taxa de roubos:  
**73,5/100.000** habitantes

... a segunda menor taxa de mortes violentas:  
**8,5/100.000** habitantes

**99,7%**  
dos municípios catarinenses são conectados com banda larga de fibra óptica (o segundo maior percentual do país)

**4. Baixa desigualdade**  
**Apenas 1,65%** dos domicílios do estado têm renda *per capita* familiar inferior à linha da pobreza (o menor percentual do Brasil)

**5. Expectativa de vida**  
SC é o único estado do Brasil em que a expectativa de vida ao nascer é superior a 80 anos — uma longevidade maior do que a dos Estados Unidos, onde o índice é de 79,61 anos



(1) Estimativas da Secretaria de Planejamento de Santa Catarina. (2) 12 meses encerrados em setembro de 2025. Fontes: IBGE, Seplan, OCDE.



LEANDRO FONSECA

parcerias público-privadas de sua história, inaugurando um modelo de execução de projetos. A estreia ocorreu com o Aeroporto de Jaguaruna, seguida pelo contrato para a dragagem da Baía da Babitonga. Mais recentemente, o estado leiloou uma PPP em busca de uma empresa para manter e administrar um complexo prisional em Blumenau. Entre as próximas iniciativas está o lançamento de uma parceria público-privada para construir e operar a Zona de Processamento de Exportação de Imbituba — um projeto de cerca de 40 anos que só agora dá sinais de que será posto em prática. “O diferencial de Santa Catarina é que os projetos não ficam no anúncio”, diz Renato Lacerda, presidente da Invest SC.

Nesse ambiente de negócios, os indicadores sociais continuam fortemente positivos. O estado opera próximo do pleno emprego. No terceiro trimestre de 2025, a taxa de desemprego ficou em

Fábrica da Oxford em Pomerode [SC]: a indústria é um dos pilares de Santa Catarina



2,3%, a menor do Brasil — e inferior à de praticamente todos os integrantes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os países mais desenvolvidos. No final do terceiro trimestre de 2025, 97,6% da força de trabalho catarinense estava ocupada — um nível mais comum em economias desenvolvidas do que em mercados emergentes.

Mais revelador do que a quantidade de empregos é a sua qualidade. Quase 88% dos trabalhadores do setor privado têm carteira assinada, o maior percentual entre os estados brasileiros, enquanto a taxa de informalidade recuou para 24,9%, bem abaixo da média nacional.

A renda acompanha esse desempenho. O rendimento médio real mensal alcançou 4.199 reais, o segundo maior do país, após um crescimento de 10,1% em apenas um ano. A massa salarial mensal do estado chegou a 18,5 bilhões de reais, avançando quase 11% no mesmo período. Em termos práticos, isso se traduz em cidades médias com comércio ativo, serviços dinâmicos e uma base de arrecadação menos dependente de choques externos.

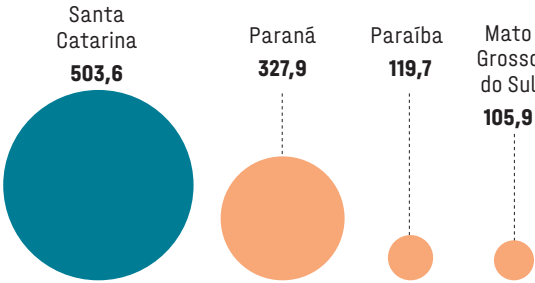
Rendeira de bilro: o estado tem um pé na tradição e outro no futuro



OS RESULTADOS DESSES FATORES

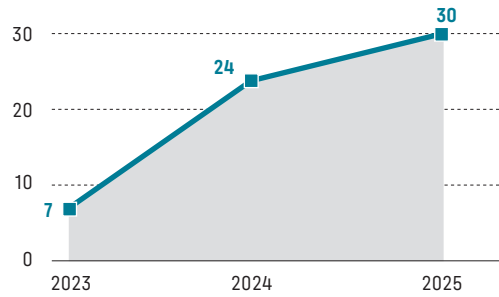
SC é o estado que mais atrai pessoas de outras regiões do Brasil

Imigrantes interestaduais recebidos por estado de 2017 a 2022 (em mil imigrantes)



A capital, Florianópolis, foi em 2025 o segundo maior destino global para nômades digitais, atrás apenas de Dubai: 5.666 empreendedores e trabalhadores remotos

O volume de investimentos projetados para o estado cresceu mais de 4 vezes em 3 anos (em bilhões de reais)



Fontes: IBGE, Dashboard, Invest SC.

O baixo desemprego, a renda elevada, a alta formalização do trabalho e os indicadores de qualidade de vida acima da média nacional ajudam a explicar por que o estado se tornou, nos últimos anos, o destino preferido para muitos brasileiros. Segundo dados do Censo Demográfico 2022 do IBGE, o estado registrou o maior saldo migratório interestadual do país, com aproximadamente 350.000 pessoas a mais entrando do que saindo ao longo da última década. O resultado colocou Santa Catarina à frente de outros estados tradicionalmente receptores de migrantes, como São Paulo e Minas Gerais.



Praia de Itapema: entre Balneário Camboriú e Porto Belo, ela se destaca pela orla extensa e pela infraestrutura completa

Em Santa Catarina, essas pessoas encontram condições convidativas. O estado apresenta um dos menores déficits habitacionais do Brasil, com apenas 7,3% das famílias em moradias precárias, abaixo da média nacional. Os indicadores de segurança também estão entre os melhores do país.

No conjunto, Santa Catarina oferece uma combinação incomum no Brasil: crescimento econômico sustentado, instituições funcionais e qualidade de vida mensurável. Nem todos os desafios foram eliminados — pressão urbana, demanda por mão de obra qualificada e necessidade de manter disciplina fiscal permanecem no ho-

rizonte. Mudanças estruturais na economia global causadas pelo avanço de tecnologias, como a inteligência artificial e os crescentes riscos geopolíticos, têm tudo para pôr à prova, mais uma vez, a capacidade de adaptação de Santa Catarina. A necessidade de investimentos em saúde, educação e infraestrutura também é crescente num país com lacunas históricas como o Brasil. Até agora, porém, o estado conseguiu se sair bem diante de ciclos adversos. Em um país acostumado a avanços intermitentes, o estado se destaca pela constância. E é isso que poderá mantê-lo na rota para posições mais proeminentes no mapa econômico brasileiro. ●



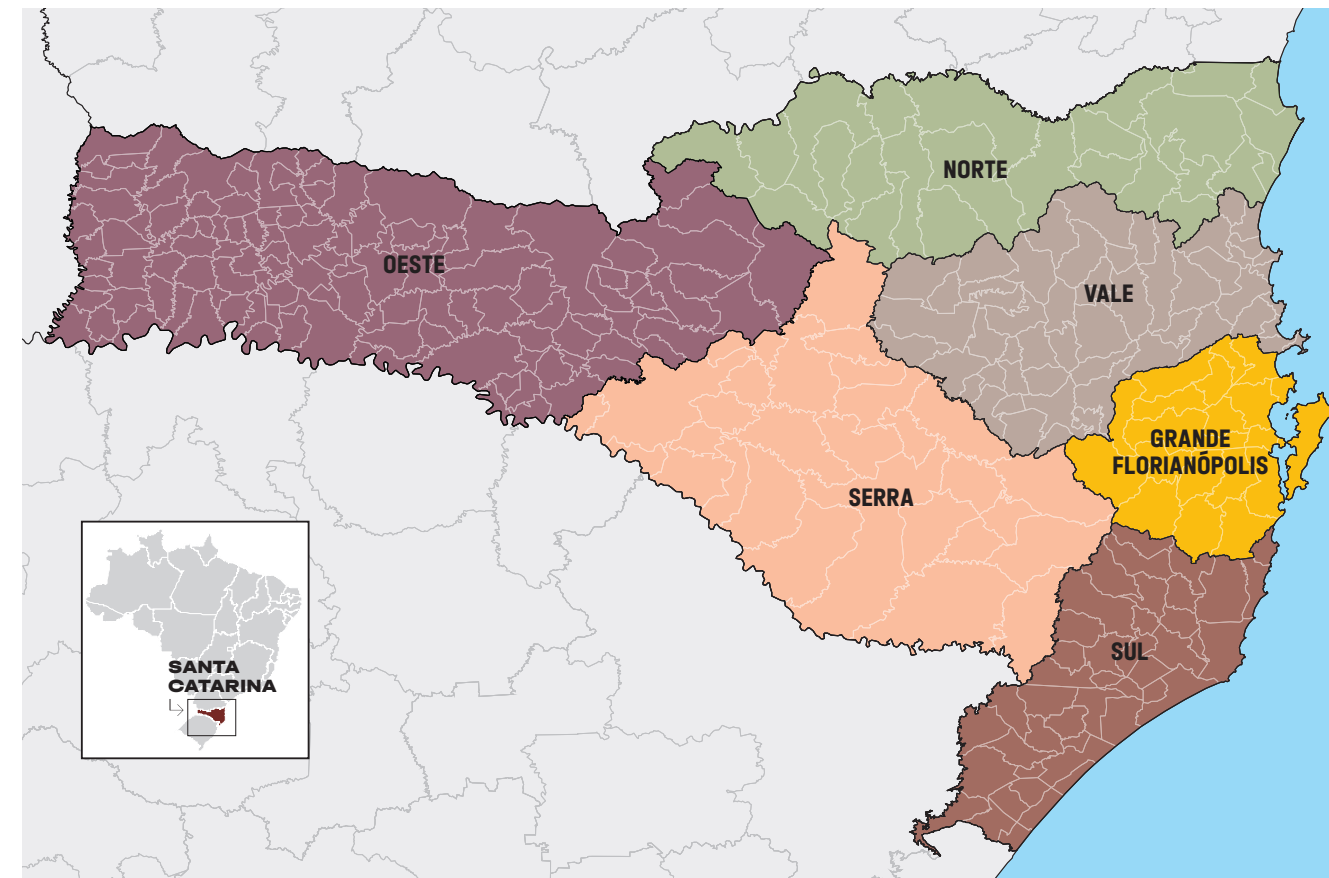
# MAPA DE OPORTUNIDADES

SANTA CATARINA TEM 21 MICRORREGIÕES E SETE GRANDES CIDADES QUE DINAMIZAM A ECONOMIA E AS OPORTUNIDADES

LUCIANO MANENTI

Aeroporto de Florianópolis: voos diretos para a Europa e mudança no perfil dos turistas

## VOCAÇÕES DIVERSIFICADAS



LEANDRO FONSECA

**S**ANTA CATARINA, EMBORA OCUPE APENAS 1% DO TERRITÓRIO nacional em área, é grande na diversidade econômica. Cada uma de suas regiões — e, sobretudo, suas cidades-polo — desenvolveu vocação própria, moldada por história, geografia, imigração e base produtiva. O Norte industrial, o Vale logístico, a Serra que combina agro, turismo e inovação, o Oeste agroindustrial, o Sul em reinvenção e a capital como laboratório de tecnologia formam um mosaico no qual não há um único motor, mas vários funcionando em paralelo. Essa diversidade, no entanto, não significa fragmentação. Ao ouvir prefeitos, empresários e lideranças locais para esta reportagem, surgem padrões comuns. Em praticamente todos os municípios analisados, houve algum grau de redução seletiva do ISS para estimular setores estratégicos, programas de apoio a startups e a novos empreendedores, investimentos em centros ou distritos de inovação e esforços para encurtar a burocracia e acelerar a abertura de empresas. Em maior ou menor escala, as cidades passaram a competir não



**PRINCIPAIS CIDADES:**  
Florianópolis, São José e Palhoça

**PIB DA REGIÃO:**  
56,8 bilhões de reais

**POPULAÇÃO:** 1,43 milhão

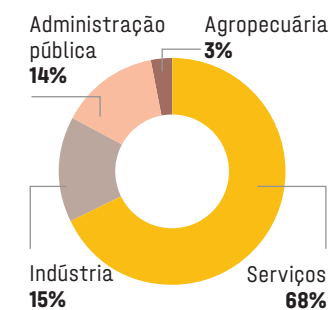
**PIB PER CAPITA:** 46.400 reais

**PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO**  
Engie (energia), Koerich (varejo) e Intelbras (tecnologia/telecomunicações)

## GRANDE FLORIANÓPOLIS

Nas últimas décadas, a ascensão de um polo de tecnologia ganhou força na economia, ao lado das tradicionais atividades relacionadas ao turismo

## PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO PIB





apenas por fábricas ou galpões logísticos, mas por talento, capital intelectual e projetos de longo prazo.

O resultado é um ambiente em que a competitividade não depende de um único polo hegemônico, mas da soma das partes. A força de uma região alimenta oportunidades em outra; cadeias produtivas se conectam; serviços especializados surgem a partir de demandas locais e ganham alcance nacional. Santa Catarina construiu, assim, um modelo menos sujeito a ciclos abruptos e mais ancorado em diversificação e previsibilidade.

O desafio daqui para a frente é preservar essa combinação rara: crescer sem perder qualidade de vida, atrair investimentos sem comprometer finanças públicas e avançar em inovação sem romper com as vocações que sustentam a economia real. Se conseguir manter esse equilíbrio, o estado não terá apenas um mapa de oportunidades — terá uma rota clara para o futuro.

FLORIANÓPOLIS — INOVAÇÃO A CÉU ABERTO

Florianópolis funciona hoje como um laboratório de inovação a céu aberto — conceito que o prefeito Topázio Neto costuma repetir sempre que descreve a estratégia da cidade. Um exemplo concreto é o da Sinapp, empresa local que testou, nas redes de esgoto e tubulações pluviais, uma solução baseada em robôs para mapear a infraestrutura subterrânea. A tecnologia permite identificar falhas e conexões irregulares sem grandes intervenções físicas, reduzindo custos, tempo de obra e impactos urbanos. “Testamos soluções na cidade antes de escalar. Florianópolis virou um ambiente real de experimentação”, afirma o prefeito.

Esse modelo é sustentado por políticas públicas direcionadas. Nos últimos anos, o município passou a financiar a fundo perdido até 200.000 reais para startups, por meio de editais avaliados com apoio de associações empresariais, universidades e representantes da iniciativa privada.

Na prática, o momento mostra uma consolidação estrutural na base econômica da capital. Se no passado Florianópolis dependia sobretudo dos serviços públicos, do comércio local e de um turismo altamente sazonal, hoje a tecnologia ocupa posição central. Cerca de 25% da arrecadação municipal já vem do setor de TI. “Temos 12 startups para cada mil habitantes, o maior índice do Brasil”, diz Topázio.

Para Diego Ramos, presidente da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate), esse desempenho é fruto de maturação. “O ecossistema de tecnologia de Florianópolis não surgiu da noite para o dia. É resultado de um processo contínuo, construído ao longo de décadas”, diz ele.

Até o turismo mudou de perfil. A cidade consolidou-se como destino de eventos corporativos, movimentando a economia fora da alta temporada. A concessão do Aeroporto Internacional Hercílio Luz ao grupo suíço Zurich Airport Brasil elevou o



RICARDO WOLFFENBÜTTEL

padrão de serviços, ampliou a conectividade internacional e abriu voos diretos para a Europa, alterando o perfil dos visitantes.

Para sustentar esse modelo, a prefeitura investiu cerca de 6 milhões de reais em programas de formação de mão de obra para tecnologia, em parceria com o Senai, buscando mitigar a escassez de profissionais qualificados — hoje o principal gargalo do setor.

Esse dinamismo se estende à Grande Florianópolis. Municípios como São José, Palhoça e Biguaçu ampliam sua relevância industrial e logística, enquanto a ilha concentra serviços avançados e inovação. Empresas consolidadas, como a Intelbras, ajudam a distribuir emprego qualificado pela região. “Florianópolis não cresce sozinha”, diz Topázio.

JOINVILLE — A REINVENÇÃO INDUSTRIAL

Nos últimos dois anos, Joinville promoveu um esforço para reduzir burocracia, simplificar processos e revisar a carga tributária sobre empresas e empreendedores. A prefeitura encurtou prazos de licenciamento e reduziu o ISS de 5% para 2% em setores como o de logística para tornar o ambiente de negócios mais competitivo.

Centro de Joinville: 26.000 novas empresas em um ano

Os resultados apareceram rapidamente. De janeiro a novembro do ano passado, cerca de 26.000 novos CNPJs foram abertos na cidade, que hoje soma mais de 120.000 empresas ativas.

O ambiente mais favorável ajudou a atrair investimentos. No ano passado, Joinville foi escolhida pela TP-Link, gigante chinês de equipamentos de conectividade, para instalar sua primeira unidade no Brasil, que já começou a gerar cerca de 800 empregos diretos. A Britânia, fabricante de eletrodomésticos, também anunciou investimentos em uma nova fábrica, com a abertura recente de 700 vagas.

A redução de entraves administrativos reforça o papel de Joinville como o mais tradicional polo industrial de Santa Catarina, ao mesmo tempo que a economia local se diversifica. Nos últimos anos, a cidade passou a se destacar também no setor de tecnologia. Em 2025, Joinville foi apontada pela plataforma StartupBlink como o nono melhor ecossistema para startups do Brasil e figura entre as mil



NORTE

A região é um tradicional polo metalmeccânico e, mais recentemente, sede de grupos importantes do setor de logística, como o Porto Itapoã

**PRINCIPAIS CIDADES:**  
Jaraguá do Sul, Joinville, Mafra, São Bento do Sul

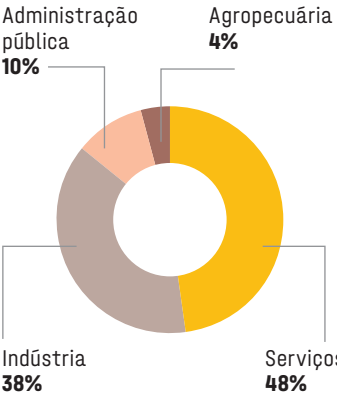
**PIB DA REGIÃO:**  
100 bilhões de reais

**POPULAÇÃO:** 1,53 milhão

**PIB PER CAPITA:** 69.400 reais

**PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO**  
**WEG** (bens de capital), **Abimex** (logística), **Tupy** (bens de capital), **Metal Group** (metalurgia), **Rogga** (construção), **Panatlântica** (metalurgia), **Cia Canoinhas** (papel e celulose), **Porto Itapoã** (logística), **Tuper** (metalurgia) e **Schulz** (bens de capital)

PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO PIB



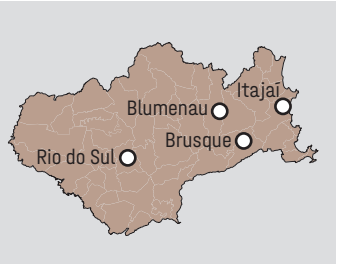
principais cidades de inovação do mundo. “Nossa indústria sempre foi referência no Brasil, mas nos últimos anos Joinville deu um salto no setor tecnológico”, afirma o prefeito Adriano Silva.

No Norte Catarinense, o setor industrial mantém uma trajetória de renovação e evolução. Um exemplo é o anúncio recente da WEG, de Jaraguá do Sul, que prevê 1,1 bilhão de reais em investimentos para a construção de uma nova fábrica e a ampliação de outra já existente — um dos maiores aportes industriais em curso no país.

A infraestrutura logística reforça essa trajetória. Os investimentos nos portos da Baía da Babitonga ampliam a competitividade regional como plataforma industrial e exportadora. Apenas o Porto Itapoã projeta aumentar a movimentação em 1,5 milhão de contêineres por ano. Segundo estudo da Fiesc, cada contêiner movimentado gera cerca de 10.000 reais em riquezas no entorno do porto, o que poderá representar até 15 bilhões de reais por ano quando a expansão estiver concluída.

O conjunto desses fatores ajuda a explicar por que Joinville segue como uma das âncoras econômicas de Santa Catarina.





VALE DO ITAJAÍ

A indústria têxtil já foi a principal atividade da região, concentrada principalmente em Blumenau e Brusque. Hoje em dia, a logística estruturada em torno do Porto de Itajaí e o setor de tecnologia assumiram a dianteira

PRINCIPAIS CIDADES:  
Itajaí, Blumenau,  
Brusque, Rio do Sul

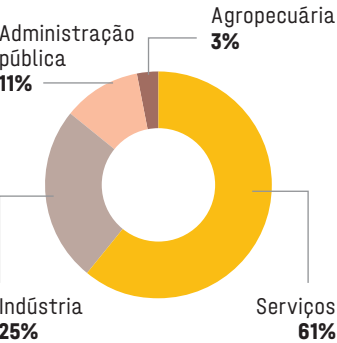
PIB DA REGIÃO:  
135,9 bilhões de reais

POPULAÇÃO: 2,1 milhões

PIB PER CAPITA: 71.600 reais

PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO  
**Pamplona** (Alimentos), **Cassava** (Alimentos), **Senior** (Tecnologia), **Multilog** (logística), **Metisa** (metalurgia), **Mueller** (eletrodomésticos), **Portonave** (logística) e **Havan** (varejo)

PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES  
ECONÔMICAS NO PIB



Marina de Itajaí: 50% dos iates do Brasil são produzidos na cidade



EDUARDO VALENTE/BECOM

ITAJAÍ — DO MEIO DO PELOTÃO  
À BRIGA PELA LIDERANÇA

A ascensão de Itajaí é um dos casos mais emblemáticos de transformação econômica em Santa Catarina. Há cerca de três décadas, o município figurava como a sexta ou sétima maior economia do estado. “Hoje, está sempre disputando com Joinville o primeiro ou o segundo lugar em termos de PIB”, diz o prefeito Robinson Coelho.

Durante muito tempo, o principal polo econômico do Vale do Itajaí foi Blumenau, impulsionado por uma das mais importantes indústrias têxteis do país. Marcas como Hering e Karsten nasceram ali e moldaram a identidade regional ao longo do século 20. A partir dos anos 1990, mudanças estruturais no setor e a abertura comercial reduziram o peso relativo do têxtil.

Nesse processo, Blumenau passou a crescer em outros setores, como o de tecnologia. Um dos principais projetos da cidade é a criação de um Distrito de Inovação com 1,7 milhão de metros quadrados para reunir, num só lugar, empresas de tecnologia consolidadas, startups, moradias e instituições de pesquisa. O governo de Santa Catarina está investindo 60 milhões de reais na iniciativa.

Foi nesse contexto que Itajaí começou a ganhar terreno. O primeiro motor dessa virada foi o porto, que se consolidou como o segundo maior do Brasil em movimentação de contêineres. A ele se somaram a indústria da pesca e o turismo, impulsionados pela localização estratégica no litoral norte catarinense.

Mais recentemente, dois setores passaram a redesenhar o perfil econômico do município. Um deles é a construção naval: hoje, cerca de 50% dos iates e embarcações de luxo produzidos no Brasil saem de estaleiros instalados em Itajaí. O outro vetor é a construção civil, que vive um ciclo de forte expansão. Itajaí passou a atrair empreendimentos imobiliários de alto padrão e hoje possui o quarto metro quadrado mais caro do país, segundo o índice FipeZap — não muito atrás das vizinhas Balneário Camboriú e Itapema, que lideram esse ranking após o boom imobiliário que colocou essas duas cidades entre as mais verticalizadas do país.

Um dos projetos mais emblemáticos desse ciclo é o Tempo by Müze, residencial de luxo que será construído na Praia Brava. O empreendimento prevê sete torres residenciais e um hotel Emiliano, com valor geral de vendas estimado em 2,5 bilhões de reais. As obras devem começar neste ano, com conclusão prevista para 2029, e o projeto arquitetônico é assinado por Norman Foster, responsável por ícones como o Apple Park.

A expansão imobiliária também se reflete nas finanças públicas. Nos próximos quatro anos, Itajaí projeta arrecadar cerca de 600 milhões de reais em outorgas urbanísticas, recursos que serão direcionados a investimentos em infraestrutura e à

implantação de um Distrito de Inovação, previsto para começar ainda neste ano.

Para fechar o ciclo, a prefeitura apostou em política fiscal ativa. “Reduzimos o ISS de oito setores de 5% para 3% e, mesmo assim, a arrecadação cresceu cerca de 15% em um ano”, afirma Coelho.

Em três décadas, Itajaí deixou de ser coadjuvante para se tornar um dos principais motores econômicos de Santa Catarina. O desafio agora é organizar esse crescimento para sustentar a nova posição no mapa econômico do estado.

LAGES — UMA NOVA FORMA  
DE GERAR RIQUEZA NO CAMPO

Nos laboratórios de sua empresa em Lages, na Serra Catarinense, a empreendedora Mayra Juline e sua equipe trabalham em um produto com potencial para poupar milhões de reais aos agricultores brasileiros. À frente da Plant Colab, ela coordena o desenvolvimento de um teste rápido que pode mudar a forma como produtores lidam com uma das pragas mais problemáticas da cultura do milho: a cigarrinha.

O inseto, por si só, não é o principal vilão. O problema surge quando a cigarrinha está infectada pelos microrganismos que causam o complexo do enfazamento do milho, um conjunto de doenças que compromete seriamente o desenvolvimento das lavouras. As plantas infectadas crescem menos, formam espigas menores e, na fase final do ciclo, tornam-se mais vulneráveis ao tombamento provocado por vento ou chuva — um prejuízo capaz de inviabilizar colheitas inteiras.

A proposta da Plant Colab é simples na concepção e sofisticada na execução: permitir que o produtor identifique rapidamente se a cigarrinha presente na lavoura está ou não infectada. O teste, em fase final de desenvolvimento, foi pensado para ser prático, acessível e aplicado com frequência, seja nos insetos capturados no campo, seja diretamente nas plantas. Se a infecção for detectada, o agricultor pode entrar com defensivos no momento correto. Se a praga estiver presente, mas sem os microrganismos, pode-se evitar aplicações desnecessárias, reduzindo custos, desperdícios e impacto ambiental.

Esse tipo de solução representa bem um novo perfil de negócio que começa a surgir na Serra Catarinense. Historicamente, a região foi moldada pela indústria madeireira e pela agropecuária tradicional. A região é a maior produtora de maçãs do país — municípios como São Joaquim, Urupema e Urubici concentram 30% da área plantada no país. São atividades que continuam relevantes. A diferença é que agora surgem empresas que não rompem com essa vocação, mas evoluem a partir dela, agregando ciência, tecnologia e serviços de alto valor à base produtiva existente.



MAPA DE OPORTUNIDADES

Plantação de maçã em São Joaquim [SC]: região da Serra Catarinense é a maior produtora da fruta no país



SERRA

A vocação econômica da região se concentra na agropecuária e no setor de madeira/papel e celulose

PRINCIPAIS CIDADES: Lages, Curitibaanos

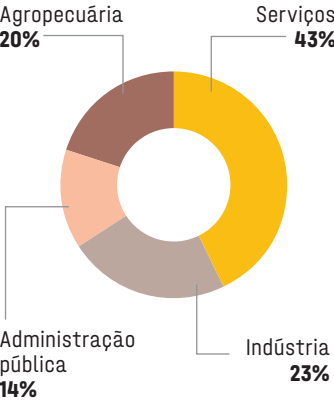
PIB DA REGIÃO: 18,8 bilhões de reais

POPULAÇÃO: 436.000 pessoas

PIB PER CAPITA: 45.200 reais

PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO Adami (madeira), Primo Tedesco (papel e celulose) e Guararapes Painéis (madeira)

PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO PIB



PICARDO TRIDA / SECOM

A transformação regional não se limita à inovação agrícola. Nos últimos anos, o turismo também ganhou fôlego, apoiado nas características naturais da Serra. Em 2025, o gasto médio por grupo de turistas na região cresceu 25%, segundo um levantamento da Fecomércio. O turismo de inverno, impulsionado pelas paisagens e pelo clima rigoroso, passou a dividir espaço com as vinícolas de altitude, desenvolvidas ao longo das últimas duas décadas.

No caso da Plant Colab, a expectativa é que o teste para o enfezamento chegue ao mercado em 2027. Enquanto isso, a empresa opera em outras frentes. A principal delas é o diagnóstico laboratorial de doenças fitossanitárias, serviço prestado tanto a pequenos agricultores catarinenses quanto a grandes grupos produtores do país, como SLC Agrícola e Bom Futuro. Essas empresas recorrem ao laboratório de Lages para identificar com precisão os problemas que afetam suas lavouras e orientar decisões de manejo em larga escala.

A história da Plant Colab ajuda a explicar a nova fase da Serra Catarinense. Onde antes predominavam ciclos extrativos e atividades primárias, surgem agora negócios que combinam agricultura, ciência e inovação. No fim das contas, a Serra continua fazendo aquilo que sempre soube fazer.

CHAPECÓ — A CAPITAL DA PROTEÍNA DÁ MUSCULATURA AOS NOVOS NEGÓCIOS

O Oeste de Santa Catarina consolidou-se como uma das principais regiões brasileiras de produção de alimentos. Pioneiro no cultivo de soja e milho e na criação de aves e suínos, o território construiu, ao longo de décadas, um complexo agroindustrial de escala nacional. Dali saíram frigoríficos como Sadia, Perdigão, Seara e Aurora — marcas ainda centrais no consumo brasileiro. Essa potência continua movimentando grandes cadeias produtivas e, cada vez mais, abrindo espaço para novos negócios.

Um deles é a Neokohm, fundada em 2016 para resolver um problema recorrente — e caro — dos frigoríficos: falhas ou oscilações nos sistemas de refrigeração das carretas durante o transporte. Em um setor em que uma única carga pode valer centenas de milhares de reais, qualquer desvio pode condenar um caminhão inteiro. O desafio era que os equipamentos operavam offline, sem monitoramento em tempo real.

A empresa desenvolveu um sistema de hardware e software capaz de monitorar remotamente a temperatura e o funcionamento dos equipamentos, permitindo diagnósticos antecipados e ações preventivas. Com o tempo, a solução evoluiu: hoje, é possível in-



OESTE

Berço de grandes grupos agroindustriais, a região mantém uma forte vocação para a agropecuária e a agroindústria

PRINCIPAIS CIDADES: Chapecó, Videira, Concórdia, Joaçaba

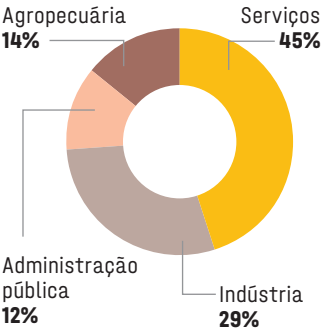
PIB DA REGIÃO: 71,6 bilhões de reais

POPULAÇÃO: 1,4 milhão

PIB PER CAPITA: 54.700 reais

PRINCIPAIS EMPRESAS DA REGIÃO Cooperalfa (alimentos/agropecuária), Coopercarga (logística) e Bragagnolo (papel e celulose)

PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO PIB



tervir à distância, mesmo com o caminhão a milhares de quilômetros. A aceitação foi rápida, sobretudo entre transportadoras, que operam com margens enxutas. Atualmente, a Neokohm monitora cerca de 5.000 carretas frigorificadas, algo próximo de um quinto da frota brasileira desse tipo de veículo.

A força do agronegócio, porém, não impulsiona apenas empresas diretamente ligadas à cadeia produtiva. Ela cria demanda para serviços tecnológicos que extrapolam o campo. É o caso da Optidata, de Chapecó. A empresa começou atendendo companhias da própria região — muitas do agronegócio — com hospedagem de dados em nuvem e soluções corporativas, como a plataforma de gestão e colaboração Optwork. Essa base regional foi o trampolim para crescer.

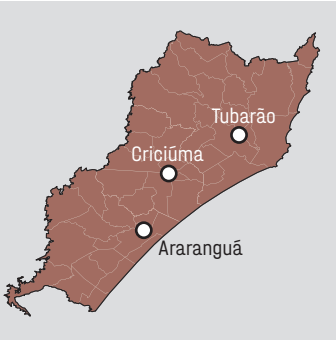
Hoje, a Optidata mantém filiais em São Paulo e em Miami, opera datacenters próprios e fatura cerca de 100 milhões de reais por ano, competindo com grandes provedores globais em nichos específicos.

No fim das contas, o Oeste Catarinense mostra que um dos maiores polos brasileiros de produção de proteínas também é capaz de dar musculatura a empresas de tecnologia e serviços. Onde a agroindústria cresce, surgem problemas — e quem aprende a resolvê-los pode ir muito além das fronteiras do campo.





DIVULGAÇÃO



**SUL**  
A região já foi dependente da extração do carvão mineral e de setores industriais como a cerâmica — mas hoje tem uma economia diversificada e as bases prontas para uma nova fase de expansão

**PRINCIPAIS CIDADES:**  
Criciúma, Tubarão, Araranguá

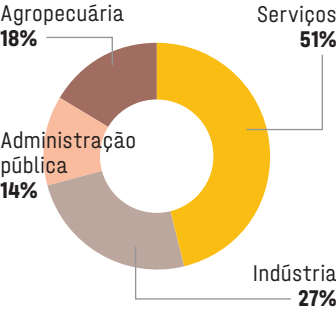
**PIB DA REGIÃO:**  
45,4 bilhões de reais

**POPULAÇÃO:** 1,1 milhão

**PIB PER CAPITA:** 43.200 reais

**PRINCIPAL EMPRESA DA REGIÃO**  
**Granja Faria** (alimentos)

**PARTICIPAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS NO PIB**



Mirante em Criciúma: a antiga capital do carvão se tornou um polo de serviços e de atração de novas indústrias

**CRICIÚMA — UMA NOVA ENERGIA**

Nas últimas décadas, o Sul de Santa Catarina passou por uma transformação econômica profunda. Sua principal cidade, Criciúma, era conhecida nos anos 1980 como a capital nacional do carvão. A mineração moldou a paisagem urbana e o mercado de trabalho por décadas. Esse ciclo ficou para trás: não há mais minas em operação no município, e o setor perdeu peso relativo na economia regional. Tome-se o exemplo de Lauro Müller, também no Sul de Santa Catarina e que igualmente já teve o carvão como principal motor econômico. Hoje a maior empresa da região é a Granja Faria, uma verdadeira multinacional do ovo, com operações no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa — a empresa faturou mais de 2 bilhões de reais em 2024 e é a líder no mercado brasileiro.

O esgotamento do modelo forçou Criciúma a assumir uma vocação como polo regional de serviços. O reflexo aparece nas contas públicas. “Hoje, a arrecadação de ISS praticamente se equipara à do ICMS”, afirma o prefeito Wagner Espindola.

Parte dessa transição foi viabilizada por um esforço deliberado do poder público. Nos últimos anos, o município investiu meio bilhão de reais em infraestrutura urbana. Ao mesmo tempo, reduziu entraves burocráticos para a abertura de empresas e incentivou a inovação.

Numa das iniciativas, o município concede subvenções de até 40.000 reais para até dez startups por ano, com a contrapartida de que as soluções desenvolvidas possam ser aplicadas à gestão municipal.

Não é só Criciúma. Todo o sul do estado diversificou sua economia. Houve um período em que a indústria cerâmica concentrava grande parte da atividade regional. Hoje, ela divide espaço com setores químicos, plásticos e metalmecânicos, formando uma base produtiva mais equilibrada.

Um exemplo dessa nova configuração é a Farben, fabricante de tintas e vernizes para móveis e para o setor automotivo, com sede em Içara, cidade vizinha. A empresa planeja investir 120 milhões de reais até 2031 para ampliar a produção, abrir filiais e expandir a atuação internacional. Atualmente, exporta para cerca de 20 países e pretende chegar a 40 mercados no início da próxima década.

Agora a companhia finaliza a abertura de uma filial própria em Atlanta, nos Estados Unidos, com início das operações previsto para março. “Nossos produtos continuam relativamente competitivos nos Estados Unidos”, afirma Edmilson Zanatta, CEO da empresa.

No plano local, a diversificação deve continuar. Segundo o prefeito, Criciúma negocia a instalação de quatro novas empresas de setores distintos e prepara um road show para apresentar uma PPP de cidade inteligente. O projeto inclui iluminação pública em LED, 150 quilômetros de fibra óptica, câmeras de precisão para segurança e uma usina fotovoltaica para abastecer prédios públicos e a frota municipal. A antiga capital do carvão começa, assim, a encontrar uma nova fonte de energia. ●





Centro de Florianópolis: a tecnologia reduz roubos e muda a rotina nas principais cidades

# SEGURANÇA QUE SE VÊ

COM PLANEJAMENTO E TECNOLOGIA, SANTA CATARINA VAI NA CONTRAMÃO DA TENDÊNCIA NACIONAL E MANTÉM O STATUS DE ESTADO MAIS SEGURO DO PAÍS

RAFAEL MARTINI

**E**NQUANTO A VIOLÊNCIA SE CONSOLIDA COMO A MAIOR preocupação dos brasileiros, Santa Catarina vai na contramão da tendência nacional e mantém, de forma consistente, o status de estado mais seguro do país. Os dados mais recentes confirmam que o desempenho catarinense não é pontual nem circunstancial, mas resultado de uma política pública estruturada, investimentos contínuos e integração entre forças de segurança, inteligência e sistema prisional. Levantamentos como o Ranking de Competitividade dos Estados, do Centro de Liderança Pública (CLP), apontam Santa Catarina como líder nacional da segurança pública pelo sétimo ano consecutivo. O Anuário das Cidades Mais Seguras do Brasil reforça o cenário, com municípios catarinenses dominando o topo do ranking, enquanto o Atlas da Violência, com base em dados do Ministério da Saúde e do IBGE, classifica o estado como um dos principais casos de sucesso na redução da violência letal no país.

Em 2024, a taxa de homicídios em Santa Catarina foi de 8,6 mortes por 100.000 habitantes, menos de um terço da média nacional, que chegou a 25,7. Em 2025, o indicador avançou ainda mais: no primeiro semestre, a taxa caiu para 2,8 homicídios por 100.000 habitantes, com um dado simbólico e relevante — cerca de 70% dos municípios catarinenses não registraram nem sequer um homicídio no período. Entre junho e setembro de 2025, o estado registrou os menores índices de homicídio dos últimos 18 anos para esses meses. Para o secretário de Estado da Segurança Pública, coronel Flávio Graff, os números refletem uma mudança estrutural. “Os resultados não surgem por acaso. Eles são consequência de planejamento, integração entre as forças, investimentos históricos em tecnologia, inteligência e valorização profissional. Santa Catarina construiu um modelo que combina prevenção, repressão qualificada e controle rigoroso do sistema prisional”, afirma.

**AMBIENTE SOCIAL AJUDA A EXPLICAR OS NÚMEROS**

Os indicadores de segurança pública em Santa Catarina caminham lado a lado com um ambiente socioeconômico estruturalmente favorável, que atua como fator de contenção da criminalidade. O estado apresenta a menor taxa de desemprego do Brasil, em torno de 2,3%, índice inferior ao observado em países desenvolvidos como Alemanha, Estados Unidos e Canadá. Em um cenário nacional marcado por informalidade elevada e desemprego estrutural, esse dado tem impacto direto sobre a dinâmica social e urbana. Santa Catarina também registra a menor proporção de beneficiários de programas sociais federais, sinalizando maior autonomia econômica das famílias. Soma-se a isso a segunda menor taxa



de analfabetismo do país, um indicador relevante quando se observa a correlação entre escolaridade, inserção produtiva e redução da criminalidade. O estado ainda lidera em distribuição de renda, com o menor Índice de Gini do Brasil, além de apresentar a menor taxa de pobreza e extrema pobreza entre as unidades da federação.

Esses fatores ajudam a explicar por que a violência encontra menos espaço para se estruturar. Menor vulnerabilidade social, maior acesso ao mercado formal de trabalho e renda mais distribuída reduzem a pressão sobre o sistema de segurança pública e dificultam o recrutamento de jovens por organizações criminosas. Em Santa Catarina, o crime encontra menos terreno fértil para se consolidar como alternativa econômica.

INVESTIMENTO, TECNOLOGIA E VALORIZAÇÃO DAS FORÇAS DE SEGURANÇA

Santa Catarina transformou investimento em segurança pública em política estruturante de longo prazo. Atualmente, o estado destina cerca de 12% de todo o seu orçamento à área — um dos maiores percentuais do país e bem acima da média nacional. Apenas em 2024, os investimentos diretos em custeio, infraestrutura, equipamentos e tecnologia superaram 700 milhões de reais, sem considerar os gastos com pessoal. Os recursos foram direcionados à modernização de unidades policiais, aquisição de viaturas, armamentos, equipamentos de proteção individual e ampliação de sistemas de inteligência.

A valorização profissional é outro pilar central desse modelo. Em 2025, o governo estadual concedeu reajuste de 21,5%, o maior aumento real da história das carreiras da segurança pública em Santa Catarina, beneficiando mais de 35.000 profissionais, entre ativos e inativos. O impacto financeiro do reajuste será de aproximadamente 1,4 bilhão de reais por ano quando totalmente implementado. A medida teve efeito direto na motivação do efetivo, na redução da evasão de profissionais e no fortalecimento institucional das corporações.

O efetivo catarinense soma mais de 16.000 agentes, distribuídos entre Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Científica, Corpo de Bombeiros Militar e Polícia Penal. A taxa chega a 215 agentes por 100.000 habitantes, superior à média brasileira e compatível com padrões internacionais de policiamento em países com baixos índices de criminalidade. A distribuição territorial do efetivo foi ajustada com base em análise de dados, priorizando regiões estratégicas, corredores logísticos e áreas de maior fluxo populacional.

A tecnologia passou a ocupar papel central na estratégia de segurança. O projeto de reconhecimento facial, com investimento inicial de 40 milhões de reais, prevê a instalação de 1.000 câmeras inteligentes em 60 municípios. A tecnologia é integrada a bancos de dados estaduais e interestaduais, permitindo a identificação em tempo real de pessoas com mandados de



prisão em aberto. O sistema já foi testado em grandes eventos e operações especiais, resultando na prisão de foragidos e na prevenção de ocorrências, inclusive em festas populares, como a Oktoberfest Blumenau.

Além do reconhecimento facial, Santa Catarina consolidou uma das maiores redes estaduais de videomonitoramento do país, com mais de 5.300 câmeras em operação e 3.400 leitores automáticos de placas veiculares, fundamentais para o combate a crimes patrimoniais, roubo de veículos e deslocamento de organizações criminosas entre estados.

SISTEMA PRISIONAL: RESSOCIALIZAÇÃO E ENFRENTAMENTO ÀS FACÇÕES

Santa Catarina mantém atualmente 54 unidades prisionais distribuídas em 33 municípios, com cerca de 30.300 pessoas privadas de liberdade e outras 4.100 monitoradas por meio de tornozeleira eletrônica. Diferentemente do cenário observado em outros estados, o sistema opera sem perda de

controle territorial interno, com gestão centralizada, protocolos rígidos e integração permanente com as demais forças de segurança.

Para sustentar esse modelo, o governo estadual colocou em execução um programa de investimentos de 1,4 bilhão de reais até 2028, voltado à ampliação e modernização da estrutura prisional. O plano prevê a criação de quase 9.600 vagas, o que permitirá eliminar o déficit histórico, reduzir a superlotação e separar presos por perfil criminal, grau de periculosidade e vínculo com facções — medida considerada estratégica no enfraquecimento das organizações criminosas.

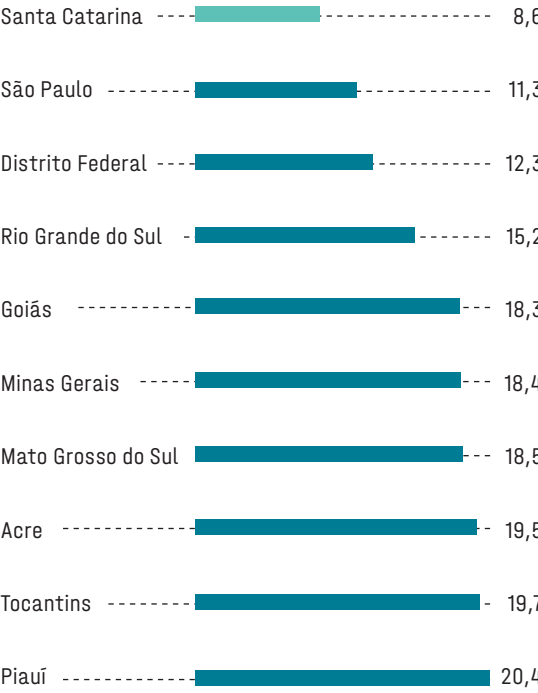
O diferencial catarinense está na gestão do sistema. O estado mantém domínio absoluto sobre as unidades, com isolamento rigoroso de lideranças de facções, controle permanente de comunicações ilícitas, revistas sistemáticas e monitoramento constante dos fluxos internos.

Outro pilar relevante é o foco na ressocialização e no trabalho prisional. Atualmente, mais de 33% da

A TAXA DE MORTES VIOLENTAS É BEM ABAIXO DA MÉDIA NACIONAL

Análise dos indicadores explica por que Santa Catarina é considerada o estado mais seguro do Brasil

Estados mais seguros (assassinatos a cada 100.000 habitantes/2024)



Fonte: myside.com.br.

população carcerária catarinense exerce atividade laboral remunerada, percentual significativamente superior à média nacional. Os presos atuam em oficinas internas, serviços de manutenção, produção industrial e parcerias com empresas privadas, reduzindo o ócio carcerário e contribuindo para a disciplina interna. Além disso, 54% dos detentos participam de atividades educacionais, entre alfabetização, ensino fundamental, ensino médio e cursos profissionalizantes.

Em 2024, o sistema prisional arrecadou 28 milhões de reais com a retenção legal de parte dos salários pagos aos detentos trabalhadores, recursos integralmente reinvestidos nas próprias unidades para melhoria de infraestrutura, compra de equipamentos e fortalecimento da ressocialização. Para 2025, a arrecadação deve ser de 33 milhões de reais. O modelo cria um círculo virtuoso: reduz custos ao Estado, melhora a gestão interna e amplia as chances de reintegração social após o cumprimento da pena.





Sistema prisional: 1,4 bilhão de reais será o investimento, até 2028, em ampliação e modernização

COMBATE AO CRIME ORGANIZADO E CONTROLE DAS FRONTEIRAS

O enfrentamento às organizações criminosas em Santa Catarina combina repressão qualificada, inteligência financeira, controle territorial e integração interestadual e federal. Em 2025, o estado registrou o maior volume de apreensões de drogas da sua história, superando 60 toneladas, das quais 56,5 toneladas foram de maconha, além de volumes expressivos de cocaína, crack e haxixe. O dado reflete uma estratégia voltada não apenas à prisão de executores, mas principalmente à desarticulação de cadeias logísticas e financeiras do tráfico.

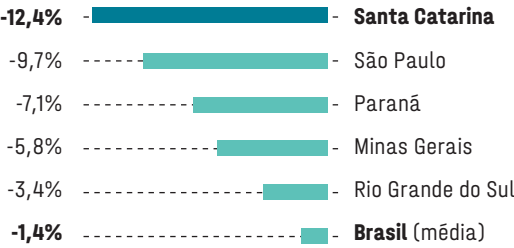
No mesmo período, entre 2023 e 2025, as forças de segurança retiraram de circulação 7.039 armas de fogo, muitas delas de uso restrito, utilizadas por facções criminosas em disputas territoriais e em ações de alto poder ofensivo. A retirada desse arsenal reduziu de forma significativa a letalidade potencial das organizações criminosas e contribuiu diretamente para a queda dos crimes violentos letais no estado.

As operações se concentram, de forma estratégica, nas regiões de fronteira e nos principais corredores logísticos, rotas historicamente utilizadas para tráfico de drogas, armas, contrabando e descaminho.

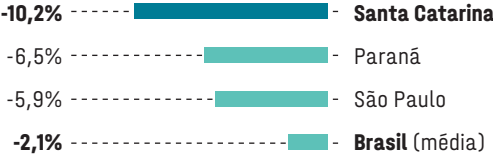
O ESTADO FOI O QUE MAIS REDUZIU O NÚMERO DE HOMICÍDIOS

Diminuição dos principais indicadores em SC tem média muito superior à nacional

Queda dos homicídios dolosos (2023/2024)



Furtos em queda livre (2023/2024)



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

O principal eixo dessa atuação é o Centro Integrado de Comando e Controle da Fronteira, localizado em Dionísio Cerqueira, que opera de maneira permanente com monitoramento em tempo real, análise de dados e atuação conjunta entre Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Penal, Polícia Rodoviária Estadual, além de integração com a Polícia Federal, Receita Federal e forças de segurança de estados vizinhos.

A inteligência policial catarinense é outro pilar central da estratégia. Em 2025, 99% dos inquéritos envolvendo organizações criminosas foram concluídos com identificação dos envolvidos e responsabilização penal. Nos casos de lavagem de dinheiro, a taxa de resolutividade chegou a 95%, com bloqueio de contas, sequestro de bens e descapitalização de grupos criminosos. O foco no estrangulamento financeiro tem se mostrado decisivo para enfraquecer facções, reduzir sua capacidade de recrutamento e limitar a reincidência criminal.

OKTOBERFEST BLUMENAU: A FESTA MAIS SEGURA DO BRASIL

A Oktoberfest Blumenau consolidou-se como um dos principais cases nacionais de segurança em grandes eventos de massa — e, em 2025, atingiu

um patamar inédito no país. Ao longo de 19 dias, cerca de 700.000 pessoas circularam pelo Parque Vila Germânica, em uma operação que combinou multidões diárias superiores a 80.000 visitantes, consumo elevado de bebidas alcoólicas e intensa programação cultural. Ainda assim, o balanço final registrou apenas um furto de telefone celular e nenhuma ocorrência grave, consolidando a edição como a mais segura da história da festa.

O resultado não foi casual. A edição de 2025 marcou a consolidação de um modelo de segurança com base em monitoramento inteligente, reconhecimento facial, análise de comportamento e resposta integrada em tempo real. O parque contou com centenas de câmeras de alta resolução, conectadas a centros de controle operados de forma conjunta pela organização do evento e pelas forças de segurança pública. Parte dos equipamentos utilizou tecnologia de reconhecimento facial integrada a bancos de dados de pessoas com mandados de prisão em aberto, permitindo identificação e abordagem preventiva ainda na entrada do evento.

Além do videomonitoramento, o planejamento envolveu controle rigoroso de acessos, setorização do público, monitoramento de fluxo em tempo real e presença ostensiva, porém discreta, de equipes de segurança privada, Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros. O uso de dados históricos e

de inteligência permitiu antecipar pontos de maior risco, ajustar escalas de efetivo e agir antes que situações evoluíssem para ocorrências policiais.

Para Guilherme Benno Guenther, presidente da Oktoberfest Blumenau, a segurança deixou de ser apenas um requisito operacional e passou a integrar o posicionamento estratégico do evento. “A Oktoberfest é hoje a festa mais segura do Brasil. Isso é resultado de planejamento técnico, investimento em tecnologia e integração total com as forças de segurança. A segurança não é mais apenas reação; ela é prevenção”, afirma.

Segundo Guenther, a percepção do público é parte central do sucesso. “As pessoas se sentem seguras para circular, consumir, trazer a família e permanecer mais tempo no evento. Isso se reflete diretamente na experiência, na reputação da festa e nos resultados econômicos”, diz.

A experiência catarinense mostra que segurança pública eficaz vai além do policiamento ostensivo. Ela depende de investimento contínuo, inteligência, gestão do sistema prisional e integração institucional. Ao combinar esses fatores, Santa Catarina transformou a segurança em ativo econômico e social. Em um país marcado por instabilidade e violência, o estado oferece previsibilidade, controle territorial e qualidade de vida — uma segurança que se vê, se mede e se sustenta no longo prazo. ●



ROBERTO ZACARIAS



Fábrica da Weg em Jaraguá do Sul: equilíbrio entre o potencial local e a vocação global

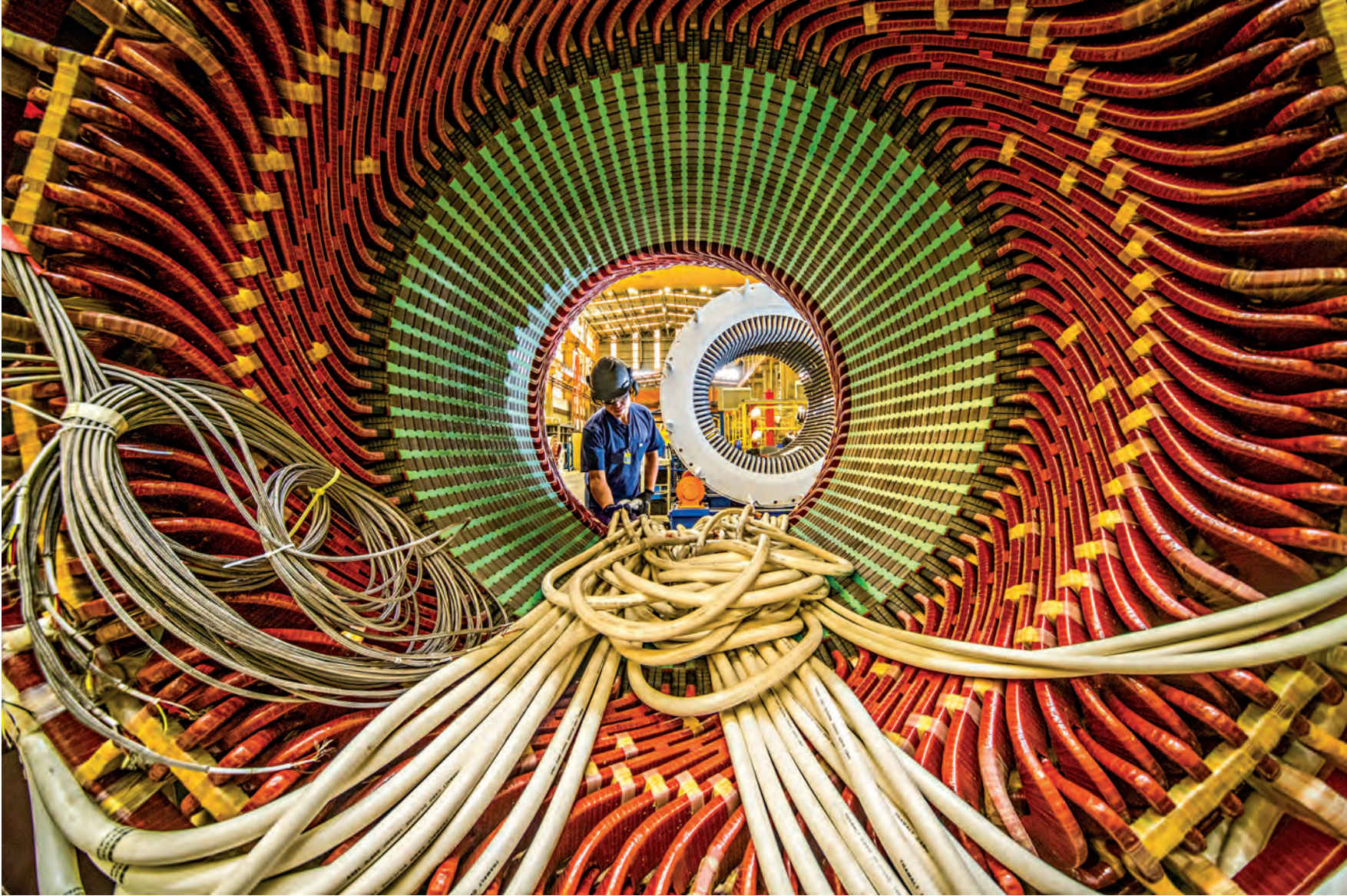
# A INDÚSTRIA É PRIORIDADE

SANTA CATARINA É UMA FORÇA INDUSTRIAL QUE SE REINVENTA E ABRE MERCADOS GLOBAIS, MESMO COM MUDANÇAS GEOPOLÍTICAS

LUCIANO MANENTI

**S**ANTA CATARINA OCUPA UM ESPAÇO SINGULAR NO MAPA INDUSTRIAL brasileiro. Relativamente pequeno em território e população, mas denso em capital produtivo, o estado construiu uma economia industrial capaz de atravessar ciclos econômicos, absorver choques externos e manter presença relevante no comércio internacional — mesmo em um mundo marcado por tensões geopolíticas, disputas tarifárias e a reorganização das cadeias globais de valor.

O atual desenho industrial catarinense é resultado de um processo longo e incremental. Diferentemente de outros polos industriais brasileiros, muitas vezes moldados por grandes projetos estatais, a origem da base produtiva de Santa Catarina se deu a partir de pequenas e médias empresas familiares, muitas delas fundadas por imigrantes europeus no fim do século 19 e início do século 20. Empresas têxteis no Vale do Itajaí, metalmecânicas no Norte, cerâmicas e mineradoras de carvão no Sul,



LEANDRO FONSECA

madeira e móveis no Planalto e agroindústria no Oeste cresceram de forma descentralizada, ancoradas em capital próprio, reinvestimento contínuo e forte vínculo com suas localidades.

Dessa forma nasceram marcas proeminentes em suas áreas de atuação e que estão por aí até hoje facilmente reconhecidas no mercado. Em alguns casos, o controle mudou de mãos – como é o caso da fabricante de roupas Hering, da metalúrgica Tupy e da camisaria Dudalina. Outras mantêm a presença da família dos fundadores, como a cerâmica Portobello, a indústria de equipamentos de telecomunicações Intelbras e a fabricante de equipamentos elétricos e de bens de capital Weg. De um jeito ou de outro, são raras as exceções de quem deixou de ter operações em território catarinense.

Nas últimas décadas, o modelo industrial passou por transformações profundas. A abertura comercial dos anos 1990 forçou ganhos de produtividade.

Depois, os anos 2000 consolidaram a vocação exportadora do estado. Mais recentemente, a indústria catarinense avançou em automação, digitalização e produtos de maior valor agregado.

O resultado é um estado industrializado, que não depende de uma única âncora setorial — uma característica que se tornou vantagem estratégica em um cenário global cada vez mais volátil.

**DIVERSIFICAÇÃO COMO VANTAGEM COMPETITIVA**

Hoje, Santa Catarina abriga uma das estruturas produtivas mais diversificadas do país. Essa heterogeneidade permite que o estado responda de forma mais equilibrada a mudanças de conjuntura: quando um setor sofre impacto externo, outros conseguem se manter em expansão. “A diversidade produtiva cria uma massa crítica local de fornecedores, clientes e prestadores de serviço que ajuda a reduzir custos, acelerar decisões de investimento e estimular novos empreendimentos”, diz Pablo





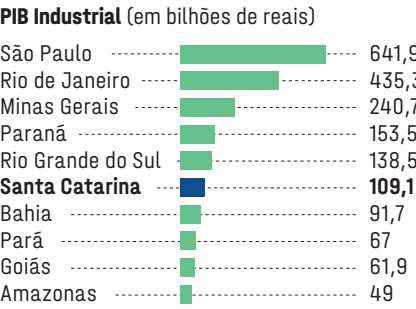
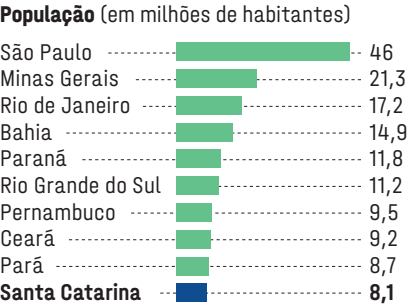
Alexandre Wiggers, presidente da Condor: Santa Catarina será prioridade em novo ciclo de investimentos

Bittencourt, economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc). Esse ambiente de negócios é reforçado por características regionais bem definidas e por uma rede logística acima da média nacional. Portos como Itapoá, São Francisco do Sul, Itajaí, Navegantes e Imbituba conectam diretamente a produção catarinense aos principais mercados globais — no momento, as rodovias do estado passam por um processo de modernização que vai contribuir para a redução de gargalos históricos. O estado também se beneficia de uma força de trabalho qualificada, abastecida por escolas técnicas e centros de formação profissional que dialogam diretamente com as necessidades da indústria. O efeito combinado desses fatores aparece nos números. Nos últimos anos, a produção industrial catarinense tem crescido acima da média nacional. As exportações mantiveram uma trajetória positiva.

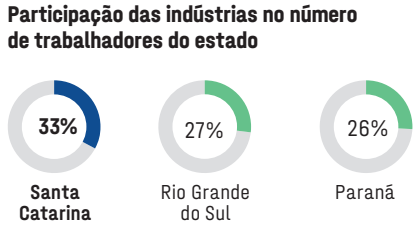
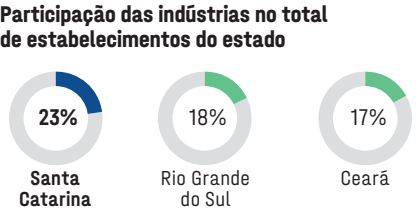
Fontes: IBGE, CNI.

UMA MÁQUINA BEM AZEITADA

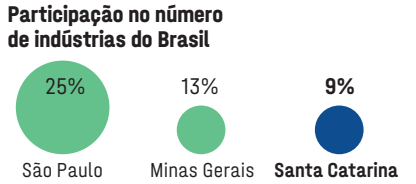
Santa Catarina é apenas o décimo estado brasileiro em população, mas o sexto maior PIB industrial do país



Cerca de uma em cada quatro empresas catarinenses são indústrias — e elas empregam um de cada três trabalhadores. São as maiores proporções do país



Quase 10% das indústrias brasileiras são catarinenses — a terceira maior participação entre os estados brasileiros



O tarifaço aplicado pelos Estados Unidos aos produtos brasileiros foi um duro golpe à indústria catarinense em 2025, que tem no mercado americano seu principal parceiro comercial — diferentemente de outros estados brasileiros, cuja economia é fortemente sustentada pelas commodities e que têm na China o principal destino de suas exportações. “A indústria catarinense sofreu com as tarifas, mas continua forte”, diz Bittencourt, da Fiesc. Segundo ele, economias regionais diversificadas como a catarinense tendem a se recuperar rapidamente das crises. “Se houve um lado bom no tarifaço, foi o de fazer muitas empresas catarinenses irem em busca de novos mercados, e os resultados gradativamente começam a aparecer”, diz Bittencourt.

EMPRESAS GLOBAIS E LOCAIS

Poucas empresas sintetizam melhor a boa posição que as indústrias ocupam na economia catarinense do que a Weg. Multinacional brasileira com presença industrial em mais de 15 países, a companhia construiu nos últimos 25 anos uma estratégia de inter-

Obras da Casan, concessionária de água e esgoto do estado: investimentos para reduzir gargalos de infraestrutura em áreas como saneamento e rodovias

nacionalização baseada na produção regionalizada, com fábricas próximas aos seus principais mercados consumidores na América do Norte, na Europa e na Ásia — mas sem renunciar à sua base catarinense. Nos últimos cinco anos, a empresa investiu cerca de 5 bilhões de reais em expansão de capacidade e aquisições globais, tornando-se líder mundial em motores elétricos industriais. Ainda assim, Santa Catarina permanece no centro de sua estratégia. No ano passado, a Weg anunciou o maior investimento de sua história em uma única unidade produtiva, justamente no estado onde foi fundada. Será aplicado 1,1 bilhão de reais na construção de um novo parque fabril no Norte de Santa Catarina e no aumento da capacidade das fábricas de Jaraguá do Sul. Esses projetos têm o objetivo de ampliar o portfólio e a capacidade instalada da Weg Energia. A lógica da empresa é pragmática: fábricas no exterior reduzem a exposição a barreiras tarifárias e conflitos comerciais, enquanto a base catarinense concentra engenharia, pesquisa e produção de alto valor agregado. Hoje, mais de dois terços das unidades fabris da empresa estão fora do Brasil, mas Jaraguá do Sul continua como núcleo tecnológico e estratégico. Em um ambiente global incerto, a combinação entre presença internacional e enraizamento local tornou-se uma vantagem competitiva.





A Condor, tradicional fabricante de produtos de higiene e limpeza com quase um século de história e sede em São Bento do Sul, no Planalto Norte de Santa Catarina, também se prepara para um novo ciclo de investimentos, focado na ampliação de centros de distribuição e unidades industriais. “Esses projetos ainda estão em fase de aprovação pelos nossos acionistas”, diz Alexandre Wiggers, presidente da empresa. “Santa Catarina é a prioridade absoluta para esses investimentos.”

Wiggers destaca os principais fatores que o fazem dar prioridade a Santa Catarina: previsibilidade regulatória, incentivos alinhados à economia circular e qualidade da mão de obra. Atualmente, cerca de 57% dos insumos utilizados pela Condor são reciclados, e contam com os benefícios fiscais de políticas estaduais que reduzem custos tributários e estimulam práticas sustentáveis. A proximidade entre as unidades produtivas, especialmente na região de São Bento do Sul, também gera ganhos logísticos e operacionais relevantes.

Mesmo avaliando alternativas fora do estado, a empresa mantém Santa Catarina como eixo central de sua estratégia de expansão. “É onde conseguimos combinar eficiência produtiva, capital humano e apoio institucional”, diz Wiggers.

POLÍTICA INDUSTRIAL PRAGMÁTICA

Do ponto de vista institucional, Santa Catarina se distingue por uma política industrial menos ruidosa e mais pragmática. Programas como Prodec e Pró-Emprego, aliados a regimes tributários voltados para a importação de insumos e a expansão produtiva, ajudam a reduzir incertezas em projetos de longo prazo — mesmo em um contexto nacional em que os incentivos fiscais são crescentemente limitados por acordos fiscais no âmbito do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz) e pela reforma tributária.

Para Bittencourt, da Fiesc, o diferencial está não apenas nos incentivos, mas na previsibilidade e na capacidade de diálogo entre governo e setor produtivo. Essa interação entre governo e setor produtivo tem sido particularmente relevante em momentos de choque externo, como o recente endurecimento tarifário dos Estados Unidos. Em vez de respostas genéricas, o estado buscou soluções setoriais e temporárias, reduzindo danos sem distorcer o ambiente econômico.

O resultado é um paradoxo raro no Brasil: Santa Catarina combina baixo desemprego, crescimento industrial acima da média nacional e forte inserção internacional, apesar de não contar com grandes metrópoles nem com a escala de estados mais populosos.

Um indicador ajuda a demonstrar como, na prática, se revela a força da indústria catarinense. No Atlas da Competitividade Catarinense, a Fiesc adaptou o Índice de Competitividade Industrial



Escritório da Intelbras em São José: empresas catarinenses crescem sem perder as raízes

(ICI), desenvolvido pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido, na sigla em inglês), para comparar os estados brasileiros. Esse índice considera que o nível de competitividade industrial é a capacidade de ampliar presença nos mercados, avançar tecnologicamente e gerar valor econômico, conciliando produtividade, qualidade de vida e sustentabilidade ambiental. O índice combina duas dimensões centrais: a capacidade de produzir e exportar bens manufaturados e o grau de aprofundamento e sofisticação tecnológica da indústria.

Os resultados colocam Santa Catarina no topo do ranking nacional. Segundo a Fiesc, em 2021 o

estado liderou o ICI, superando estados como São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Santa Catarina apresenta o maior valor adicionado da manufatura *per capita* do Brasil, estimado em 1.736 dólares por habitante (base 2015), além de exportações industriais *per capita* acima da média nacional. Em 2021, a indústria respondeu por 27,5% do Valor Adicionado Bruto (VAB) estadual, com a manufatura concentrando cerca de 78% desse total — a segunda maior participação industrial do país, atrás apenas do Amazonas, cuja estrutura é fortemente influenciada pela Zona Franca de Manaus.

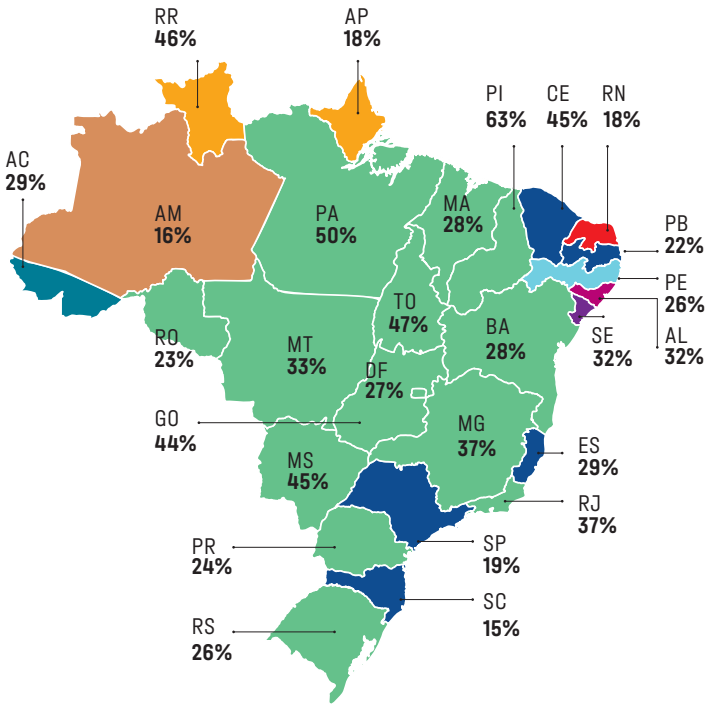
De acordo com o mesmo estudo, o perfil industrial catarinense se aproxima do de economias

ALÉM DO SONHO AMERICANO

As empresas do estado estão abrindo novos mercados para compensar os riscos de vender para os EUA, que até 2024 foram o principal destino das exportações catarinenses

Principal destino das exportações

- |           |          |           |
|-----------|----------|-----------|
| Peru      | Alemanha | Argentina |
| Canadá    | China    | Cingapura |
| Venezuela | EUA      | Holanda   |



Fonte: Secex.

emergentes e bastante competitivas, como Turquia, Índia e Indonésia — mercados com manufatura relevante e boa inserção externa, apesar de desafios persistentes em infraestrutura e avanço tecnológico. O diagnóstico sugere que Santa Catarina já opera em um patamar competitivo comparável ao de países em crescimento, com uma economia industrial integrada ao mercado global.

Até aqui, Santa Catarina foi capaz de sustentar um setor industrial competitivo e ágil para se adaptar às grandes transformações do mercado nas últimas décadas — e essas habilidades serão ainda mais necessárias nos próximos anos, num mundo cada vez mais complexo. ●





Perini Business Park, em Joinville: empresas de tecnologia trazem sangue novo a uma tradicional região industrial catarinense

RICARDO WOLFFENBÜTTEL

# AS ILHAS DA INOVAÇÃO

UM ECOSISTEMA FORMADO POR UNIVERSIDADES, EMPREENDEDORES, INCUBADORAS E O PODER PÚBLICO IMPULSIONA EMPRESAS DE TECNOLOGIA EM TODAS AS REGIÕES DE SANTA CATARINA

LUCIANO MANENTI

**D**URANTE MUITO TEMPO, A INOVAÇÃO EM SANTA CATARINA FOI tratada como um fenômeno localizado e com vista para o mar, por assim dizer. Ao lado de praias exuberantes, a capital Florianópolis construiu merecidamente a reputação de Ilha do Silício por causa da forte participação que as empresas de tecnologia ganharam na economia da capital nas últimas décadas.

Hoje em dia, isso é somente um pedaço de uma história maior. A economia da inovação não depende de um polo isolado — está distribuída por todas as regiões do estado.

A base desse modelo é o ecossistema de inovação catarinense formado ao longo dos anos. Ele combina universidades, empresas maduras, startups orientadas para o mercado, redes de investidores e organizações de apoio, como as incubadoras.

A combinação de forte cultura empreendedora do estado com políticas públicas estáveis resulta em um ambiente em que novas empresas surgem com maior proximidade das demandas reais da economia — e mais chances de prosperar.

Os dados ajudam a entender quanto esse modelo tem sido bem-sucedido. Em 2024, o setor de tecnologia de Santa Catarina faturou 42,5 bilhões de reais, o equivalente a 7,75% do PIB estadual, a segunda maior participação entre as capitais brasileiras. São mais de 29.000 empresas de tecnologia e cerca de 100.000 empregos diretos.

Os números são de um levantamento da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate), criada em 1986 justamente para apoiar o então incipiente ecossistema de inovação do estado — hoje a entidade reúne 1.850 empresas nas principais cidades do estado e gerencia iniciativas como a incubadora MidiTec e o laboratório de inovação aberta LinkLab.

Mais importante do que o tamanho do setor de tecnologia catarinense é a sua composição: muitas empresas médias, altamente especializadas, com foco em eficiência, exportação de serviços e integração com grandes cadeias produtivas.

Em Florianópolis, a arrecadação de ISS do setor de tecnologia mais que triplicou em cinco anos, saltando de cerca de 44 milhões de reais em 2019 para 146 milhões de reais em 2024. Ou seja: a tecnologia deixou de ser promessa para se tornar base concreta de receita municipal. No Vale do Itajaí, o movimento foi ainda mais notável. Em Blumenau a arrecadação de ISS da tecnologia cresceu mais de 1.000% no mesmo período, alcançando 59 milhões de reais em 2024. No Oeste, Chapecó viu a arrecadação de ISS ligada à tecnologia crescer cerca de 275% entre 2019 e 2024, impulsionada por startups e empresas conectadas ao agronegócio.

Florianópolis continua sendo uma vitrine: concentra cerca de um terço das empresas do setor e tem a segunda maior participação da tecnologia no PIB municipal entre as capitais brasileiras. Parte dessas empresas nasceu no Sapiens Parque, um parque tecnológico com 4,3 milhões de metros quadrados no norte da Ilha de Santa Catarina.



O Sapiens é administrado pelo governo do estado e foi concebido para integrar pesquisa científica, empresas e planejamento urbano. Nele há duas incubadoras, uma aceleradora de empresas de software e hardware, laboratórios de ponta de grandes grupos, como a JBS, e outras companhias que ali surgiram ou para lá foram em busca das melhores condições para crescer. “O principal papel do Sapiens é orquestrar todos os integrantes do ecossistema de inovação”, diz Eduardo Vieira, diretor-presidente do parque tecnológico.

Foi nesse ambiente que empresas como a Indicium ganharam escala. A empresa nasceu em 2017 como uma consultoria para ajudar outras companhias a entender e a usar melhor os dados que já tinham. A empresa faturou 32 milhões de reais em 2023. Em novembro de 2025, se uniu à britânica Mesh AI, especializada em dados e inteligência artificial para grandes corporações, para formar uma companhia global presente em cinco países (a resultante da fusão passou a se chamar Indicium AI).

“O ecossistema de inovação de Santa Catarina foi absolutamente determinante para o nascimento e o crescimento da Indicium”, diz Isabela Blasi, cofundadora da empresa. “Florianópolis, em especial, oferece algo muito raro: proximidade real entre empreendedores, universidades, associações, investidores e grandes empresas.”

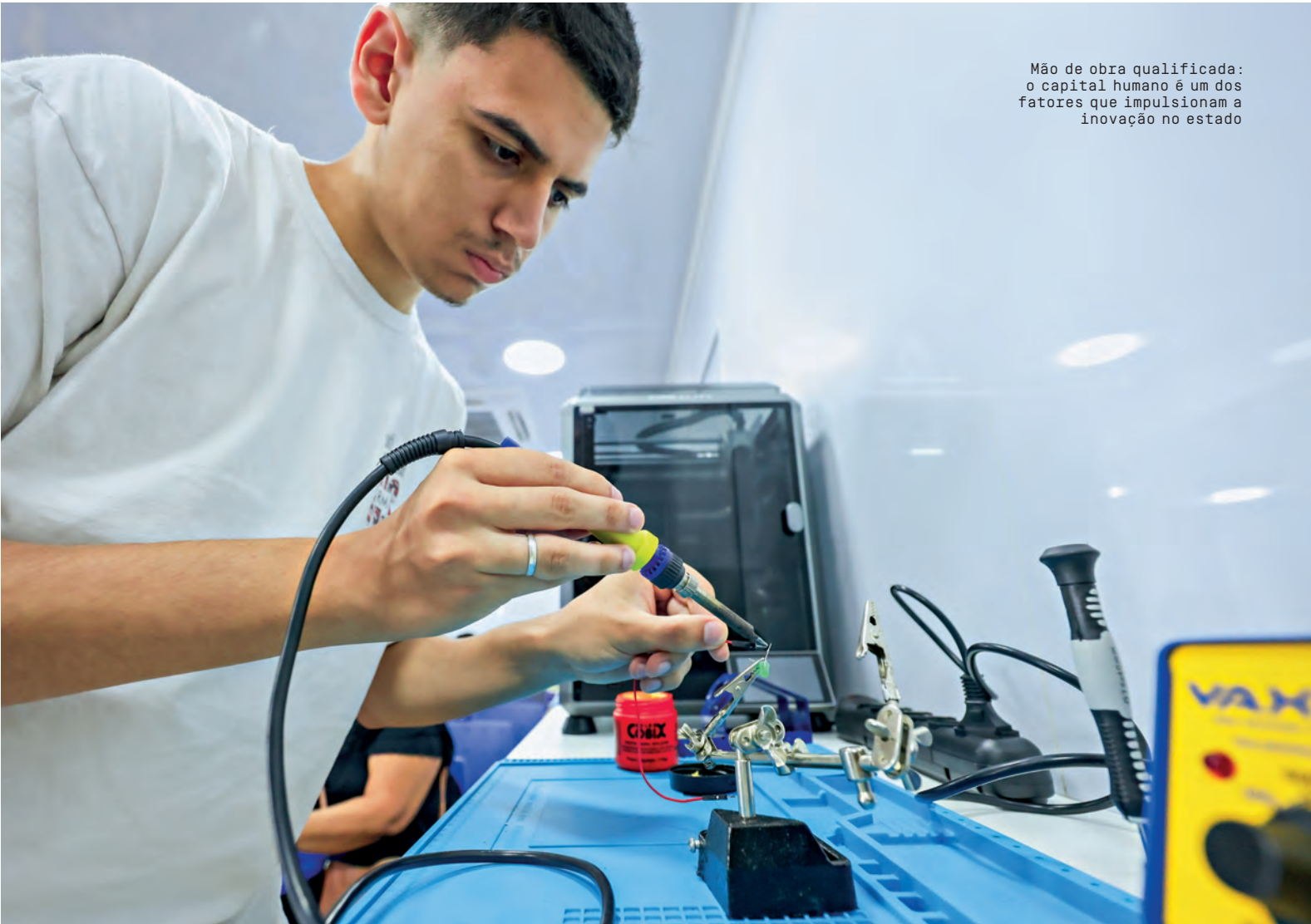
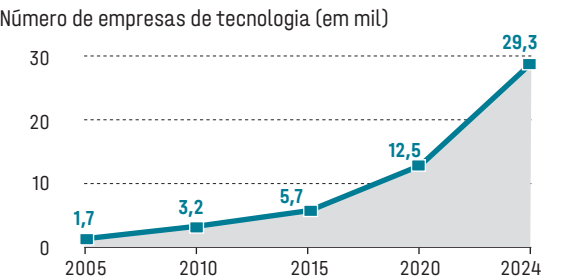
Mesmo após a fusão com a Mesh AI, o estado segue como base estratégica, sobretudo pela oferta de talentos e pela maturidade do ecossistema de inovação. “O estado continua como um polo fundamental de talentos, liderança e inovação. Nossa visão sempre foi global, mas com raízes muito bem fincadas aqui”, afirma Blasi.

A força do modelo catarinense aparece com bastante clareza fora da capital. Tome-se o caso de Joinville, a maior cidade do estado. Com mais de 600.000 habitantes, é um caso emblemático: historicamente associada à indústria metalmeccânica, passou a incorporar inovação de fronteira sem romper com sua vocação produtiva.

ILHAS DE INOVAÇÃO

O setor de tecnologia cresce distribuído pelas diferentes regiões do estado — e sem perder a conexão com o mercado global

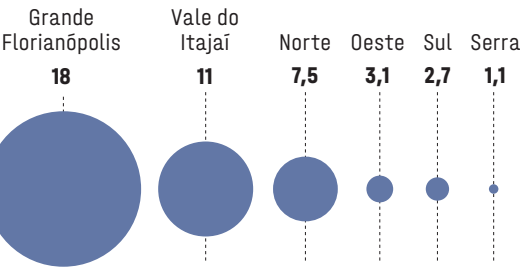
Desde 2005, o número de empresas de tecnologia em Santa Catarina vem praticamente dobrando a cada 5 anos



DIVULGAÇÃO

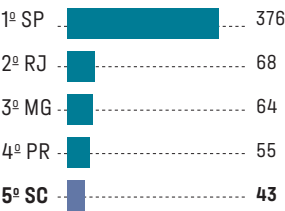
O faturamento dessas empresas está relativamente bem distribuído pelas regiões do estado, apesar de uma concentração um pouco maior na Grande Florianópolis

Faturamento das empresas de tecnologia por região de Santa Catarina (em bilhões de reais)



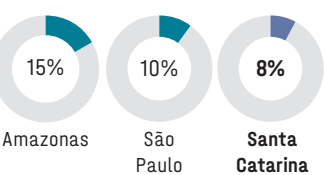
Fonte: Associação Catarinense de Tecnologia (Acate).

O setor de tecnologia de Santa Catarina é o 5º maior em faturamento entre os estados brasileiros (em bilhões de reais)



A participação das empresas de tecnologia no PIB estadual é de quase 8%, a terceira maior entre os estados brasileiros

Participação do setor de tecnologia no PIB do estado



106,3% foi o crescimento no número de empresas de tecnologia em Santa Catarina de 2020 a 2024 — a maior expansão entre os estados brasileiros

Há startups de engenharia avançada, como a Outer Space, primeiro laboratório de foguetes do Sul do Brasil, instalado no Ágora Tech Park, estrutura destinada à inovação dentro do Perini Business Park, maior distrito industrial da América Latina. Existem também companhias já consolidadas, como a fintech Conta Azul, adquirida em agosto de 2025 pela norueguesa Visma numa operação de 300 milhões de dólares. Empresas assim trazem sangue novo para os principais polos industriais de Santa Catarina.

Outras regiões seguem lógica semelhante. No Vale do Itajaí, softwares corporativos e soluções digitais passaram a se somar à indústria tradicional. O Oeste transformou sua agroindústria em plataforma para agritechs, conectando inovação a cadeias produtivas consolidadas. No Sul e na Serra, incubadoras e parques tecnológicos vêm sendo usados como instrumentos de reconversão econômica, e não como vitrines institucionais.

Um dos pilares desse sistema é a formação de empresas desde os estágios iniciais. A incubadora MidiTec, mantida pela Acate, tornou-se referência internacional: foi eleita quatro vezes a melhor incubadora do Brasil e figurou repetidamente entre as melhores do mundo. Sua metodologia, focada em disciplina empresarial e tração de mercado, ajudou a reduzir a taxa de mortalidade de startups e foi replicada em diferentes regiões do estado.

A Nanovetores ilustra o tipo de negócio que emerge desse ambiente. A empresa faturou 21,6 milhões de reais em 2024. Desenvolve ativos nanoencapsulados para cosméticos, fármacos e alimentos com tecnologia sustentável.

A empresa converte ciência em produtos industriais de alto valor agregado e foi fundada em 2008 na incubadora Celta, a mais antiga de Santa Catarina. Recursos obtidos em editais de apoio à inovação do Sebrae e da Fapesc, agência de fomento à pesquisa e à inovação do estado, foram fundamentais para os primeiros anos. Em 2022, 48% da empresa foi adquirida pelo grupo suíço Givaudan.

“Tem um ditado que diz que, quando a maré sobe, todos os barcos se elevam, e isso é muito do que se vê aqui em Santa Catarina”, diz Betina Zanetti Ramos, fundadora e presidente da Nanovetores. “Temos aqui um espírito de colaboração e de crescimento que faz a diferença no nosso ecossistema.”

Para dar uma ideia de como isso funciona na prática, a Acate mantém um fundo garantidor de crédito para avaliar operações financeiras para as empresas associadas mais iniciantes, que muitas vezes não têm acesso a financiamento. Os recursos desse fundo são integralizados por donos de negócios de tecnologia já consolidados. “É um bom exemplo da cultura de colaboração que temos aqui”, diz Diego Ramos, presidente da Acate.

Se depender de iniciativas como essa, não vai faltar inovação em Santa Catarina. ●



# A FORÇA DO COOPERATIVISMO

CERCA DE 58% DA POPULAÇÃO CATARINENSE ESTÁ ASSOCIADA A ALGUMA COOPERATIVA. O MODELO MOSTRA QUE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ANDAM JUNTOS

RAFAEL MARTINI

SANTA CATARINA CARREGA UM TÍTULO POUCO RUIDOSO — e, justamente por isso, revelador: é o estado mais cooperativista do Brasil. Cerca de 58% da população catarinense está associada a alguma cooperativa, mais do que o triplo da média nacional, estimada em torno de 17%. Não apenas pelo número absoluto de cooperados, o maior do país, mas sobretudo pela proporção de pessoas vinculadas ao modelo. O cooperativismo tornou-se parte do cotidiano econômico do estado, influenciando decisões financeiras, produção de alimentos, acesso a saúde, transporte e consumo.

Na prática, é difícil encontrar um catarinense que não seja cooperado ou impactado diariamente por alguma cooperativa. O sistema está presente em diferentes setores da economia, com capilaridade que atravessa municípios e cadeias produtivas inteiras. Entre os ramos, dois se destacam pelo peso econômico e pelo alcance social: o cooperativismo de crédito e o cooperativismo agroindustrial.

Para entender por que Santa Catarina chegou a esse patamar, é preciso olhar além das estatísticas recentes. “O cooperativismo catarinense nasce da fusão entre autonomia individual e organização coletiva. Cada um faz a sua parte, mas ninguém prospera sozinho”, resume Marcelo Vieira Martins, diretor-executivo da Unicred União e autor de livros sobre o tema.

A formação histórica do estado ajuda a explicar essa lógica. Santa Catarina foi moldada por comunidades que precisaram aprender cedo a poupar, planejar e compartilhar riscos. A diversidade cultural — marcada por imigração alemã, italiana, açoriana e de outros povos europeus — trouxe valores como trabalho, disciplina financeira e associativismo. Em um território que exigiu esforço contínuo de quem chegou, a cooperação deixou de ser opção e se tornou estratégia de sobrevivência. Esse traço cultural se transformou em mecanismo econômico concreto. Cooperativas geram

Aurora Coop: gigante tem 14 cooperativas filiadas e 87.000 famílias no campo



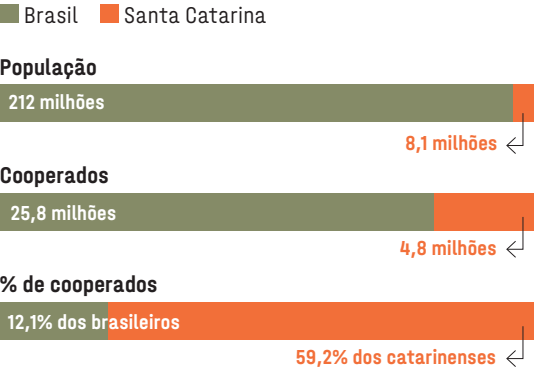
escala, reduzem custos, distribuem resultados e reforçam vínculos territoriais. Diferentemente de modelos empresariais concentradores, tendem a reinvestir onde operam, mantendo a riqueza circulando nas comunidades. O efeito aparece com clareza no crédito, setor que ganhou tração em meio à digitalização acelerada do sistema financeiro.

**CRÉDITO COOPERATIVO: QUANDO O DINHEIRO PERMANECE NA REGIÃO**  
O Sistema Ailos, que reúne 13 cooperativas de crédito com atuação nos três estados do Sul e em São Paulo, divulgou projeções que ilustram a força do modelo. A carteira deverá saltar de 18,8 bilhões de reais para 45,7 bilhões de reais até 2030, sustentada por crescimento médio de 19,2% ao ano, ritmo superior ao do sistema financeiro tradicional.  
Nos números mais recentes, de novembro de 2025, o sistema soma mais de 1,7 milhão de cooperados, 26 bilhões de reais em ativos, 18 bilhões de reais em carteira de crédito, 22 bilhões de reais em investimentos e 4,9 bilhões de reais em patrimônio líquido, com presença em mais de 120 municípios. Em Blumenau, cidade onde nasceu e mantém sua sede institucional, 80% da população adulta é cooperada, um dos maiores índices do país.

O desempenho se apoia no conceito de Economia da Cooperação, que mede quanto o cooperado deixa de gastar ao acessar juros mais baixos, tarifas reduzidas e rendimentos mais justos. A estimativa é de que, apenas em 2025, esse mecanismo tenha injetado cerca de 4 bilhões de reais na economia de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul. “Quando oferecemos soluções financeiras mais justas, garantimos que a diferença de custo permaneça nas mãos de quem produz e empreende. Esse recurso volta para a economia local”, afirma Adelino Sasse, diretor de produtos e negócios da Central Ailos.

## DESTAQUE NACIONAL

Cooperados x população



Fontes: Anuário Coop 2025 da OCB e IBGE.



O diferencial das cooperativas, nesse cenário, vai além da taxa. Ele está na devolução de parte do resultado aos próprios associados e no vínculo territorial. Fintechs podem ser rápidas e eficientes, mas não distribuem ganhos nem reinvestem localmente. No cooperativismo, o serviço financeiro funciona como ferramenta de fortalecimento econômico das comunidades.

O avanço do cooperativismo financeiro é nacional. O Sistema Nacional de Crédito Cooperativo encerrou 2024 com 753 cooperativas singulares, atendendo 19,2 milhões de associados em 9.400 pontos de atendimento. O sistema movimenta 885,3 bilhões de reais em ativos e cresce acima da média do mercado financeiro. As cooperativas já detêm 11,6% da carteira total de crédito do país.

AGROINDÚSTRIA: ESCALA GLOBAL COM BASE LOCAL

Na agroindústria, o cooperativismo é peça central da competitividade catarinense. O estado é o segundo maior produtor e exportador de frango do Brasil e líder nacional em suínos, desempenho que se sustenta por organização produtiva, assistência técnica, governança cooperativa e investimentos contínuos ao longo de toda a cadeia.

No Oeste Catarinense, a Aurora Coop simboliza a maturidade do cooperativismo agroindustrial brasileiro. Terceiro maior grupo agroindustrial de proteína animal do país, a cooperativa atua como unidade central de uma rede formada por 14 cooperativas filiadas, que envolvem mais de 87.000 famílias no campo e sustenta uma das cadeias produtivas mais sofisticadas da indústria de alimentos nacional.

Diariamente, a Aurora abate cerca de 1,3 milhão de frangos e 32.000 suínos, em um sistema produtivo altamente integrado, que combina tecnologia, automação, assistência técnica e governança cooperativa. Desde 2008, quando aderiu ao Programa Nacional de Abate Humanitário, a cooperativa investiu aproximadamente 1,4 bilhão de reais em melhorias ligadas ao bem-estar animal, automação industrial, genética, nutrição e capacitação dos produtores.

Esses investimentos resultaram em ganhos expressivos de eficiência. Estudos de certificadoras internacionais indicam aumento de até 30% na produtividade, além de redução da mortalidade e melhoria consistente da qualidade da carne — fatores decisivos para a competitividade internacional do produto brasileiro.

Uma nova exigência elevou ainda mais a régua do setor: a adoção de protocolos rigorosos de bem-estar animal, cada vez mais demandados por consumidores e importadores. Pesquisa da National Sanitation Foundation (NSF) mostra que 73% dos consumidores globais consideram relevante saber como os animais foram criados, tratados e transportados até chegarem ao ponto de venda — um fator que já influencia decisões de compra e contratos internacionais.

“Bem-estar animal não é apenas uma exigência de mercado, mas um compromisso com a eficiência produtiva, a sustentabilidade e a renda do cooperado”, afirma Neivor Canton, presidente da Aurora Coop. “Quando o animal se desenvolve sem estresse, com manejo adequado e tecnologia, todos ganham: o produtor, a indústria, o consumidor e o território onde essa produção acontece.”

Os números financeiros refletem essa estratégia. Em 2024, a Aurora registrou receita operacional bruta de 24,9 bilhões de reais, crescimento de 14,2% e receita líquida de 22,8 bilhões de reais, uma alta de 13,5%. As sobras somaram 880,5 milhões de reais, valor que retorna aos cooperados ou é reinvestido no sistema, fortalecendo o ciclo de desenvolvimento regional.

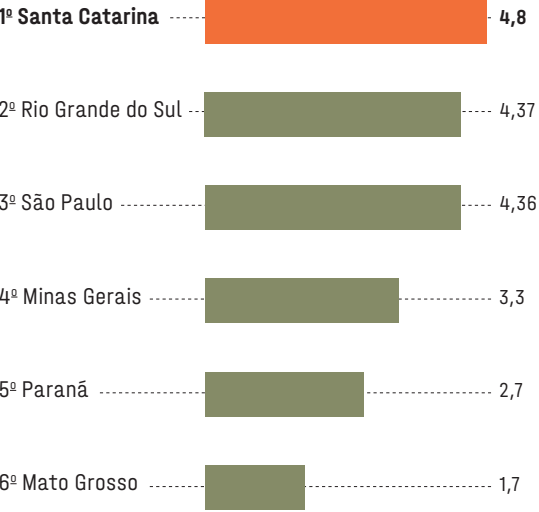
A atuação internacional também avançou. A receita com exportações cresceu 23,7%, totalizando 9,1 bilhões de reais, enquanto o mercado interno respondeu por 63,6% do faturamento. Em 2024, a cooperativa foi responsável por 21,6% das exportações brasileiras de carne suína e 8,4% das exportações de carne de frango, com baixa dependência do mercado americano.

“Crescer no mercado mundial é prioridade da nossa planificação estratégica”, diz Canton. Para sustentar esse movimento, a Aurora inaugurou uma unidade corporativa de exportação em Itajaí (SC) e prepara a abertura da primeira unidade internacional, em Xangai, prevista para 2025 — passo decisivo na consolidação da cooperativa como player global de alimentos.

SANTA CATARINA NO TOPO

Ranking de cooperados por estado

(em milhões de habitantes)



Fonte: Anuário Coop 2025 — Sistema OCB.

UM MODELO COM FUTURO

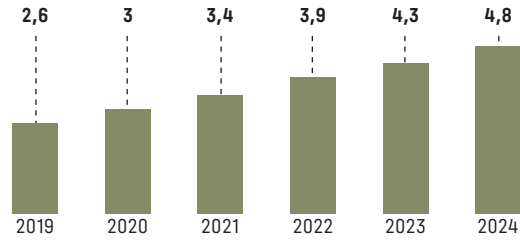
Apesar do protagonismo, o cooperativismo enfrenta desafios. Um deles é integrar o modelo de forma mais estruturada às políticas públicas, como instrumento de desenvolvimento econômico e inclusão financeira. Outro é geracional. Atrair jovens para o sistema, especialmente no crédito, tornou-se urgente diante da expansão das fintechs.

Ao combinar eficiência econômica, governança democrática e enraizamento territorial, Santa Catarina construiu um modelo singular de desenvolvimento. No crédito e na agroindústria — os dois maiores ramos —, o estado mostra que é possível crescer, distribuir ganhos e manter a riqueza circulando onde é gerada. Um modelo que prova que cooperação e desenvolvimento econômico não são coincidência. São projeto. ●

O campo catarinense: imigração foi a base para comunidades que triunfaram com a cooperação

COLETIVIDADE EM ALTA

Evolução do número de cooperados em Santa Catarina (em milhões de habitantes)



MAIS DINHEIRO NA ECONOMIA LOCAL

5,5 bilhões de reais foram injetados na economia catarinense, em 2025, das chamadas “sobras” das cooperativas

MERCADO DE TRABALHO

O cooperativismo emprega

81.000 pessoas em Santa Catarina

Fonte: Anuário Coop 2025 — Sistema OCB.



THIAGO KAUÊ



# O TURISMO ALÉM DA PRAIA

COM RECORDE DE VISITANTES, SANTA CATARINA SE CONSOLIDA COMO UM DESTINO QUE VAI ALÉM DO LITORAL. COM PLANEJAMENTO, O TURISMO VIROU UM ATIVO QUE INJETA 4,2 BILHÕES DE REAIS NA ECONOMIA DO ESTADO

RAFAEL MARTINI



A paisagem catarinense: eventos, gastronomia e natureza compõem uma oferta variada para os visitantes

JONATÁ ROCHA

**S**ANTA CATARINA VIVE UM MOMENTO SINGULAR NO TURISMO. O estado recebeu 651.980 turistas internacionais entre janeiro e novembro de 2025, um crescimento de quase 57% em relação ao mesmo período de 2024. O avanço foi puxado principalmente pela Argentina, com 417.958 chegadas e alta de 73,03%, seguida pelo Chile, que registrou 178.003 desembarques, aumento de 32,23%. Também avançaram os fluxos do Paraguai, com 8.273 visitantes estrangeiros (+75,39%), e dos Estados Unidos, com 5.483 turistas internacionais, crescimento de 4,26% no comparativo anual.

O desempenho é resultado direto de uma estratégia articulada de promoção internacional. Ao longo de 2025, o governo de Santa Catarina, por meio da Secretaria de Estado do Turismo, comandada por Catiane Seif, realizou roadshows, eventos promocionais e rodadas de negócios nos países que mantêm rotas aéreas diretas com o estado. As ações ampliaram o relacionamento com agentes e operadores de turismo, fortaleceram acordos comerciais e ajudaram a posicionar Santa Catarina como destino competitivo nos mercados emissores, em especial na América do Sul. “Santa Catarina conseguiu construir uma reputação de destino confiável e competitivo em todas as

quatro estações e em várias regiões do estado, como estamos vendo agora o crescimento da ocupação na Serra Catarinense, mesmo durante o verão”, afirma Seif. “Nosso trabalho tem sido estruturar o turismo como política de desenvolvimento, ampliar a conectividade, qualificar a oferta e promover o estado de forma consistente nos outros estados brasileiros e no exterior. Não se trata apenas de aumentar o fluxo de visitantes, mas de qualificar o perfil do turista, ampliar o tempo de permanência e distribuir renda entre diferentes regiões, reduzindo a dependência histórica da alta temporada de verão”, avalia a secretária de Turismo.

Essa transformação não é recente nem casual. Conhecido nacionalmente pelo litoral que se estende de norte a sul, o estado passou a explorar, com método e visão de longo prazo, um modelo de turismo menos sazonal. Segurança pública acima da média nacional, infraestrutura organizada, parques temáticos de escala internacional, eventos profissionais, turismo de experiência, produção de vinhos de altitude e destinos de inverno estruturados compõem hoje um ecossistema que opera de forma contínua e integrada.

Em 2025, o turismo injetou cerca de 4,2 bilhões de reais na economia catarinense, considerando-se gastos com hospedagem, alimentação, transporte, lazer, comércio e serviços. Mais do que números, o desempenho reflete uma mudança estrutural: o turismo deixou de ser apenas vocação natural para se consolidar como ativo econômico planejado, com impacto direto sobre emprego, arrecadação e desenvolvimento regional.

## UM SALTO INTERNACIONAL FORA DA CURVA

O crescimento do fluxo estrangeiro colocou Santa Catarina entre os destinos brasileiros que mais avançaram na retomada do turismo internacional. Além da proximidade geográfica com países do Mercosul, o estado se beneficiou da ampliação de rotas aéreas, da promoção coordenada no exterior e da imagem de destino seguro e organizado — atributo cada vez mais valorizado no cenário global, sobretudo em um contexto de retomada gradual das viagens internacionais.

Para o governo estadual, a estratégia passa por ampliar o tempo de permanência do visitante e estimular o consumo em diferentes regiões. A lógica econômica é direta: quanto maior o tempo de estadia, maior o gasto médio e mais distribuída se torna a renda entre municípios, favorecendo cadeias produtivas locais, pequenos empreendedores e economias regionais.

O avanço do turismo internacional em Santa Catarina encontra respaldo direto na expansão da conectividade aérea. A Zurich Airport Brasil, concessionária que administra o Aeroporto Internacional de Florianópolis, apresentou a malha aérea para a temporada de verão 2025/2026, que promete ser a maior da história do terminal.



Praia do Rosa, em Imbituba [SC]: estado atrai turistas nas quatro estações do ano



THIAGO KAUÉ

O grande destaque é o mercado internacional, que deverá responder por 38% do total de passageiros entre dezembro de 2025 e março de 2026 — um crescimento de 19% em relação à temporada anterior. Ao todo, serão 12 rotas internacionais, conectando Santa Catarina a países da América do Sul, Caribe e Europa. Dez companhias aéreas vão operar até 68 voos internacionais em um único dia, ampliando de forma significativa a capacidade do terminal durante o pico do verão.

Entre os maiores emissores, Buenos Aires lidera com até 30 voos diários, reforçando o protagonismo da Argentina como principal mercado emissor. Além da capital, haverá voos de Córdoba, Rosário, Salta e Tucumán — estas duas últimas rotas inéditas, operadas pela Aerolíneas Argentinas, ampliando a capilaridade da malha aérea com o interior argentino.

A malha também avança para fora do Mercosul. Uma das principais novidades é a rota regular para Lima, no Peru, com três frequências semanais, operada pela LATAM. Já a Copa Airlines ampliará a oferta na rota que liga Florianópolis à América do Norte e ao Caribe, via Panamá, com cinco voos por semana entre dezembro e janeiro.

As projeções consolidam o terminal catarinense como o terceiro aeroporto com maior movimentação internacional do Brasil, atrás apenas de Guarulhos (SP) e do Galeão (RJ).

“O planejamento da malha de verão aponta para uma temporada histórica”, afirma Ricardo Gesse, CEO da Zurich Airport Brasil. “O Floripa Airport amplia a diversificação da sua oferta, com cerca de 10% dos passageiros internacionais fora do Mercosul, o que mostra o avanço do aeroporto em mercados mais distantes.”

EVENTOS COMO MOTOR ECONÔMICO PERMANENTE

Um dos pilares desse modelo é o turismo de eventos. Santa Catarina construiu, ao longo das últimas décadas, um calendário capaz de sustentar hotéis, bares, restaurantes, transporte e comércio também fora da alta temporada, reduzindo a dependência do verão e garantindo maior previsibilidade ao setor.

O maior símbolo dessa transformação é a Oktoberfest Blumenau, que em 2025 registrou o melhor desempenho de sua história. Ao longo de 19 dias, 689.201 pessoas passaram pelo Parque Vila Germânica, o maior público já contabilizado desde a adoção do sistema de controle por catracas. Em um dos sábados, o evento recebeu 81.277 visitantes, com ingressos esgotados.

O avanço foi além do público. A edição de 2025 alcançou lucro recorde de 12,1 milhões de reais, superando os 9,6 milhões de reais do ano anterior, e receita total de 35,6 milhões de reais. O número de patrocinadores chegou a 34 marcas, com 17,1 milhões de reais em investimentos, enquanto a gastronomia bateu recorde, com mais de 621.000 itens vendidos.

“O que estamos vendo é a consolidação de uma marca que passou por uma profunda transformação”, afirma Guilherme Benno Guenther, diretor-geral da Oktoberfest Blumenau. “A festa deixou de ser apenas um evento cultural e se tornou um produto turístico estruturado, com foco em experiência, profissionalismo, sustentabilidade e projeção nacional e internacional.”

O impacto se espalha por todo o Vale do Itajaí. Durante o período do evento, a taxa de ocupação hoteleira cresce não apenas em Blumenau, mas também em cidades como Pomerode, Indaial e Timbó, reforçando a lógica de turismo regional integrado.

RECORDE HISTÓRICO DE ESTRANGEIROS

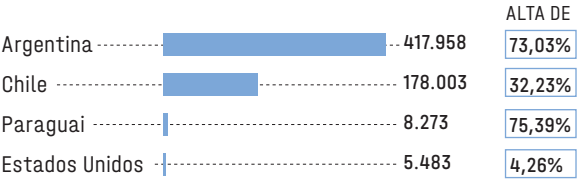
651.980

turistas internacionais visitaram SC entre janeiro e novembro de 2025

+57%

em relação ao mesmo período de 2024

Principais países emissores (em número de turistas)



Fontes: Embratur, Ministério do Turismo e Polícia Federal.



Apreciação de vinhos da região: SC concentra mais de 30 vinícolas de altitude

DIVULGAÇÃO



VINHOS DE ALTITUDE E IDENTIDADE REGIONAL

No interior, Santa Catarina apostou em sofisticação e valor agregado. As vinícolas de altitude, localizadas principalmente na Serra Catarinense, transformaram o estado em uma das principais referências nacionais na produção de vinhos finos. Produzidos acima de 900 metros, esses rótulos se beneficiam de grande amplitude térmica e maturação lenta das uvas, fatores que contribuem para maior complexidade aromática.

Atualmente, o estado concentra mais de 30 vinícolas de altitude, com produção anual estimada em mais de 1 milhão de garrafas. Entre os principais destaques estão a Vinícola Villa Francioni, a Vinícola Pericó, a Leone di Venezia e a Vinícola Thera, todas com prêmios em concursos internacionais, como o Decanter World Wine Awards e o Concours Mondial de Bruxelles.

O avanço do setor impulsionou também o enoturismo. Visitas guiadas, degustações, restaurantes e hospedagens integradas passaram a fazer parte do modelo de negócio. Em algumas propriedades, o turismo já responde por até 30% do faturamento, funcionando como complemento relevante à comercialização dos rótulos.

POMERODE: IDENTIDADE CULTURAL E TURISMO FAMILIAR

No Vale do Itajaí, Pomerode se consolidou como um dos exemplos mais consistentes de turismo de experiência no Brasil. Conhecida como a cidade mais

alemã do país, transformou sua herança cultural em ativo econômico estruturado, combinando gastronomia típica, arquitetura preservada e eventos temáticos ao longo de todo o ano.

Um dos principais atrativos é o Zoológico de Pomerode, o maior de Santa Catarina, que atua como âncora do turismo familiar. O equipamento amplia o tempo de permanência do visitante, impulsiona a rede hoteleira, restaurantes e comércio local, além de funcionar como polo de educação ambiental.

A INDÚSTRIA DO FRIO

Se o litoral ainda concentra o imaginário do turismo catarinense, é na Serra que o estado vem mostrando que também é possível construir uma alta temporada no inverno. Destinos como Urubici, São Joaquim e Urupema transformaram o frio intenso em produto turístico.

Urubici se consolidou como principal polo, com forte crescimento da oferta de pousadas, hospedagens de charme e turismo de natureza. São Joaquim e Urupema, frequentemente registrando as menores temperaturas do Brasil, alimentam o imaginário da neve e sustentam uma cadeia econômica baseada em gastronomia serrana, vinícolas de altitude e experiências de inverno.

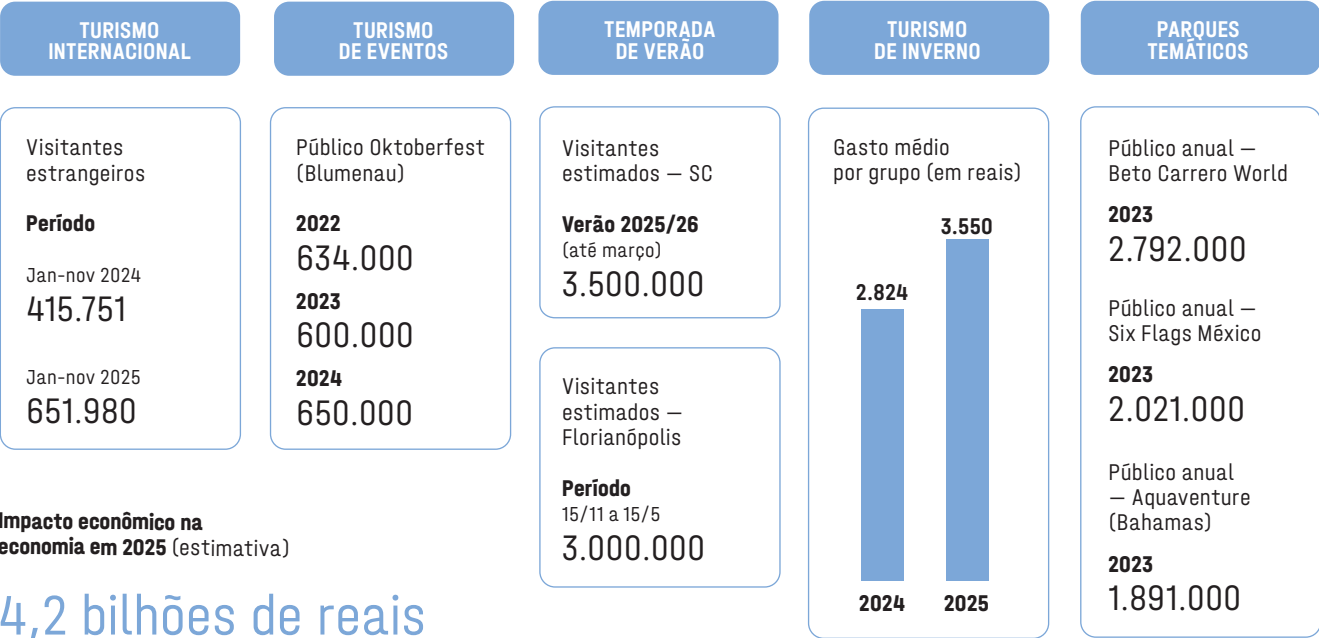
Mais próxima da capital, Rancho Queimado funciona como porta de entrada desse circuito, conectando litoral e serra em um mesmo roteiro.



Oktoberfest: festa em Blumenau bate recordes de visitantes com perfil mais familiar

SANTA CATARINA: DESTINO NAS QUATRO ESTAÇÕES

Opções turísticas vão desde a neve até um dos litorais mais lindos do país



Impacto econômico na economia em 2025 (estimativa)

4,2 bilhões de reais

injetados na economia catarinense (hospedagem, alimentação, transporte, lazer, comércio e serviços)

Fontes: Fecomércio e Ministério do Turismo.

UM MODELO QUE SE CONSOLIDA

A soma desses fatores ajuda a explicar por que Santa Catarina se tornou um caso singular no turismo brasileiro. O estado conseguiu reduzir a dependência da sazonalidade, distribuir melhor o fluxo de visitantes ao longo do ano e transformar diversidade em estratégia econômica de longo prazo, com impactos diretos sobre emprego, renda e arrecadação.

Mais do que explorar atributos naturais, Santa Catarina consolidou o turismo como vetor econômico estruturado e com resultados mensuráveis. Se em 2025 o estado recebeu mais de 650.000 visitantes internacionais, com crescimento superior a 50% em relação ao ano anterior, batendo recorde de fluxo estrangeiro, a temporada de verão 2026 também já confirma que os números serão extremamente positivos. Com planejamento estratégico eficiente, agenda permanente de eventos e ativos turísticos maduros, o es-

tado construiu um modelo mais previsível, resiliente e integrado à sua estratégia de desenvolvimento.

Na prática, isso significa maior previsibilidade para investidores, empresários e operadores do setor. Hotéis, restaurantes, parques, vinícolas, transportadoras e prestadores de serviço passaram a operar com horizonte mais longo, reduzindo a dependência de poucos meses de alta temporada e criando cadeias produtivas mais resilientes.

O avanço também reforça a interiorização do turismo. Regiões historicamente fora do circuito tradicional passaram a captar parte relevante do fluxo de visitantes, seja por meio do turismo de inverno, do enoturismo, da valorização cultural, seja de experiências ligadas à natureza. Com isso, a renda gerada pelo setor se espalha de forma mais equilibrada pelo território catarinense. ●



Porto de Itajaí: investimentos portuários em Santa Catarina superam os 56 bilhões de reais até 2030



BRASTOCK IMAGES/GETTY IMAGES

# UM OLHAR PARA O FUTURO

**NOVAS OBRAS ESTRUTURANTES VÃO POSICIONAR SANTA CATARINA COMO PROTAGONISTA NUMA CORRIDA GLOBAL POR INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS**

LUCIANO MANENTI

**O** BRASIL DE INFRAESTRUTURA NO BRASIL AINDA COSTUMAM SER, infelizmente, relacionadas a atrasos, litígios e promessas não cumpridas. Santa Catarina está fazendo diferente. Neste momento, está em andamento — e em ritmo acelerado — uma série de investimentos em portos, aeroportos, estradas e ferrovias, com potencial de aumentar a competitividade do estado e reposicioná-lo como um dos polos logísticos mais eficientes do país.

Faz sentido. Num mundo de cadeias produtivas fragmentadas, tensões geopolíticas recorrentes e custos de transporte crescentes, a infraestrutura é cada vez mais um ativo estratégico, capaz de pesar nas decisões de empresas e de investidores sobre onde ficar — e de onde bater em retirada.

O exemplo mais emblemático desses investimentos é a dragagem e o aprofundamento do canal de acesso à Baía da Babitonga, onde se concentram terminais estratégicos como o Porto Itapoá e o Porto de São Francisco do Sul. O projeto chama atenção não só pelo impacto logístico, mas pela forma como as obras saíram do papel, num modelo considerado inédito no Brasil.

Diferentemente das concessões tradicionais ou das parcerias público-privadas clássicas, a obra foi viabilizada por meio de um arranjo contratual direto entre um porto público e um terminal privado. Na prática, o Porto Itapoá antecipou 324 milhões de reais para a dragagem, que está sendo executada pela autoridade portuária de São Francisco do Sul, uma estatal catarinense. O ressarcimento ocorrerá ao longo do tempo, exclusivamente a partir do aumento futuro das receitas que a ampliação da capacidade do canal vai proporcionar ao Porto Itapoá.

“Quando você coloca mais água no canal, o navio pode navegar com mais contêineres”, diz Ricardo Arten, CEO do Porto Itapoá. “Isso reduz o custo por unidade, porque o armador dilui o custo da viagem em 14.000 contêineres, em vez de 8.000, e parte dessa eficiência é repassada no frete.”

Outro benefício da obra: praticamente a metade dos 12,5 milhões de metros cúbicos de areia que devem ser extraídos até o final da dragagem serão utilizados para engordar 8 quilômetros da Praia de Itapoá (o que já está em andamento).

A expectativa é que esse aumento de capacidade possa colocar o Porto Itapoá como prioridade para os armadores — ou seja, o local escolhido para ser a primeira escala de um navio em uma rota internacional, uma decisão mais econômica do que geográfica. O porto que recebe o navio primeiro define o ritmo de toda a operação: quanto mais cedo e rápido ocorre a atracação, maior a capacidade de descarregar contêineres vazios, carregar cargas de exportação e redistribuir navios menores para as escalas seguintes. Hoje em dia, essa primeira escala normalmente recai sobre o Porto de Santos. “Com um calado mais profundo e maior capacidade, passamos a ter uma condição operacional melhor”, diz Arten. E, em um cenário de saturação crônica dos principais terminais do país, esse diferencial se torna ainda mais relevante. “Os terminais de ponta no país estão bastante saturados”, afirma. “Com nossa capacidade interna aumentada, importadores e exportadores não encontrarão aqui as mesmas dificuldades que hoje enfrentam em Santos ou Paranaguá.”



Em outras palavras, sem criação de novas tarifas e sem impacto sobre o caixa corrente do porto público. O modelo rompe com dois gargalos históricos do investimento em infraestrutura no Brasil: a escassez de recursos públicos e a lentidão das concessões convencionais, que podem levar anos — ou décadas — para sair do papel. O modelo adotado na Baía da Babitonga trouxe segurança jurídica, previsibilidade regulatória e confiança institucional. Desse modo, Santa Catarina acelerou uma obra crítica sem transferir custos adicionais aos exportadores e importadores.

PORTOS NOVOS, INVESTIMENTOS EM ESCALA INÉDITA

A dragagem da Babitonga se insere em um ciclo mais amplo de investimentos portuários que deve transformar Santa Catarina num dos estados com maior capacidade instalada de movimentação de cargas até o fim da década. O estado caminha para operar até oito portos organizados ou terminais estratégicos até 2030, sustentados por uma carteira de projetos logísticos estimada em cerca de 57 bilhões de reais.

Esse montante considera não só os investimentos em ampliação dos portos e terminais já existentes, mas a construção de novos. É o caso do Terminal Graneleiro da Babitonga (TGB), em São Francisco do Sul, do Terminal Mar Azul (na mesma região), e do Porto Brasil Sul, também em São Francisco do Sul, hoje um dos maiores projetos do país. Completa esse conjunto o Terminal Portuário Coamo, também na Babitonga, com foco em GLP, grânéis, combustíveis e fertilizantes.

No Porto Itapoá, na atual fase de expansão estão sendo investidos 500 milhões de reais, com ampliação da capacidade de pátios, aquisição de equipamentos — como portêineres (os equipamentos que fazem a transferência das cargas entre os navios e o cais), ampliação de tomadas para a ligação de contêineres frigoríficos e automação. A próxima etapa prevê elevar o investimento total para aproximadamente 2,5 bilhões de reais, incluindo a construção de um novo berço de atracação, que proporcionará um salto de aproximadamente 50% na capacidade do terminal.

Não muito longe dali, em Navegantes, o terminal de contêineres Portonave executa investimentos superiores a 1,5 bilhão de reais para aprofundamento de calado, ampliação de cais e aquisição de equipamentos de grande porte, preparando o terminal para operar navios cada vez maiores e sustentar o crescimento da indústria exportadora do Sul do Brasil. “Nossa competição é bastante intensa com os portos de Paranaguá, Itapoá e também com Santos”, diz Osmari de Castilho Ribas, diretor superintendente da Portonave. “O que buscamos é manter padrão operacional, equilíbrio entre investimento, layout, tecnologia e equipe eficiente.”

O avanço em infraestrutura física se soma a um diferencial cada vez mais valorizado pelos usuários: eficiência operacional. Nesse quesito, os terminais catarinenses apresentam indicadores que rivalizam



— e em alguns casos superam — os do Porto de Santos, maior complexo portuário da América Latina.

A Portonave opera com médias superiores a 110 movimentos por hora, patamar considerado de excelência mesmo em benchmarks internacionais. O tempo de permanência dos caminhões no terminal está entre os menores do país, resultado dos investimentos em automação e na gestão das operações.

No Porto Itapoá, a entrada de novos portêineres elevou a produtividade em cerca de 15% logo no primeiro mês de operação. Hoje, o terminal de contêineres é um dos três maiores do Brasil em movimentação — e o líder em crescimento, segundo dados da Agência Nacional de Transportes Aqua-

viários (Antaq). Em Santos, por sua vez, há limitações causadas por acessos rodoviários e ferroviários saturados, restrições urbanas e maior dificuldade para expansão rápida de capacidade.

Outro diferencial do modelo catarinense é a coordenação entre projetos. Portos, rodovias, aviação regional e estudos ferroviários avançam como partes de um mesmo tabuleiro, e não como obras isoladas. A expansão da capacidade portuária, por exemplo, só faz sentido quando acompanhada de acessos terrestres capazes de absorver o aumento de fluxo.

Nesse sentido, há expectativa de que os investimentos em ferrovias sejam destravados nos próximos meses. O governo do estado está elaborando os

projetos executivos para duas ferrovias que vão se conectar à Malha Ferroviária Sul, operada pela Rumo. A primeira delas vai de Chapecô, no Oeste, a Correia Pinto, no Planalto Catarinense. A outra começa em Navegantes e vai até Araquari. Além disso, o Porto Itapoá produziu um estudo de viabilidade, entregue ao governo estadual, para a construção de uma alça ferroviária também ligando a Malha Sul ao porto.

Da mesma forma, novas rotas aéreas ganham relevância econômica quando conectam polos produtivos a centros decisórios e financeiros. Essa visão sistêmica reduz o risco de investimentos subutilizados — um problema recorrente na infraestrutura brasileira.





THIAGO KAUE

Aeroporto de Jaguaruna:  
investimento de 70 milhões  
de reais em 30 anos

Por isso, a estratégia logística catarinense vai além do transporte de cargas. Um dos eixos mais inovadores é o Voa + SC, programa estadual de aviação regional que está sendo concebido para integrar polos produtivos por meio de aviões de pequeno porte (com até 19 lugares) e reduzir o tempo gasto nos deslocamentos dentro do estado — especialmente para quem viaja a negócios. A proposta prevê utilizar 12 aeroportos regionais — como os de Forquilha (no Sul do estado), Lages (na Serra), Xanxerê (no Oeste) e São Francisco do Sul (no Norte) — provavelmente usando o Aeroporto de Florianópolis como hub do modelo.

O modelo prevê concessões administrativas e contratos de incentivo à operação, nos quais o Estado participaria inicialmente para garantir parte da demanda por meio da compra de assentos, até que as rotas atinjam maturidade econômica. A lógica é semelhante à adotada em países com forte aviação regional: estimular a conectividade como

instrumento de desenvolvimento, e não apenas como resposta à demanda já existente. Há, inclusive, possibilidade de conexões interestaduais para outros aeroportos do Paraná ou do Rio Grande do Sul, ampliando o alcance econômico do programa.

A leva de investimentos por ar e no ar está sendo complementada por terra. Nos últimos anos, o estado elevou de forma consistente os investimentos em rodovias estaduais, com duplicações, restaurações e ampliações de capacidade em eixos estratégicos que conectam polos industriais aos portos e aeroportos.

No Norte de Santa Catarina, uma das obras rodoviárias do atual ciclo de investimentos é a duplicação e requalificação de um corredor estratégico na divisa com o Paraná com cerca de 20 quilômetros de extensão ligando a região de Garuva ao eixo industrial de Joinville e à malha rodoviária paranaense. Os recursos, de aproximadamente 370 milhões de reais, são provenientes de um acordo entre os dois estados relacionado à partilha de royalties

do petróleo extraído numa área que ambos os estados disputavam como sendo parte de seu mar territorial. Paraná e Santa Catarina optaram por converter o passivo em investimento: os recursos foram transferidos para que o governo catarinense execute diretamente as obras. O resultado é uma rodovia duplicada, com novos dispositivos de segurança e maior capacidade de tráfego.

O projeto rodoviário mais ambicioso, porém, é a Via Mar. Concebida como uma nova rodovia paralela à BR-101 no trecho norte do estado, o projeto promete solucionar um dos maiores gargalos logísticos de Santa Catarina: a saturação crônica da principal rodovia federal no litoral norte catarinense.

“A Rodovia Via Mar servirá para desafogar a BR-101 e, com isso, permitir o fluxo das cargas de entrada e de saída do estado, importações e exportações”, diz Renato Lacerda, presidente da InvestSC, a agência de investimentos de Santa Catarina. “Isso é o que vai fazer a diferença no futuro.”

O traçado previsto cria um corredor alternativo que vai de Joinville à Grande Florianópolis, servindo de ligação no meio do caminho para cidades como Itajaí e Balneário Camboriú. A obra terá impacto direto sobre o escoamento de cargas portuárias e a mobilidade urbana nas cidades cortadas pela BR-101.

A intenção do governo é começar as obras do primeiro trecho, no Norte do estado, ainda em 2026. O modelo em estudo combina execução pública inicial e posterior concessão à iniciativa privada, permitindo acelerar a obra e distribuir riscos. Para a indústria e para os operadores logísticos, o ganho esperado é previsibilidade. “O primeiro trecho da Via Mar deve começar com contratação pública pela Secretaria de Infraestrutura”, afirma Lacerda, da InvestSC. “A partir daí, a ideia é estruturar o projeto para um leilão dos demais lotes, em um modelo de parceria público-privada com outorga.”

**UM NOVO PATAMAR DE COMPETITIVIDADE**

Quando todas essas iniciativas estiverem prontas, Santa Catarina poderá se posicionar como um hub logístico nacional, capaz de competir diretamente com os maiores complexos portuários do país. Ao reduzir custos, aumentar previsibilidade e acelerar investimentos críticos, o estado se antecipa a um cenário em que incentivos fiscais perdem relevância, e no qual a competição entre territórios passa a ser decidida por produtividade, infraestrutura e qualidade institucional.

Mais do que resolver gargalos históricos, as obras em curso fazem uma sinalização clara ao mercado: Santa Catarina aposta em crescimento de longo prazo. ●



Trevo de Itajaí,  
na BR-101: obra  
reorganiza o fluxo de  
veículos e amplia a  
fluidez e a segurança  
do tráfego na região

GUILHERME BENTO/SECOM





THIAGO KAUE

*Maravilha, SC***NUNCA FOI SORTE**

Na conexão entre a BR-282 e a BR-158, o Trevo de Maravilha forma suas “quatro folhas”, desenho raro na malha viária brasileira. A imagem registra uma obra realizada com esforço puro dos catarinenses, em uma parceria entre o município da região Oeste e o Governo do Estado. Ao destacar a simetria e o fluxo, o enquadramento transforma a engenharia em metáfora de planejamento e conexão regional, mostrando que o movimento e o crescimento ali retratados são fruto de decisão e estratégia — e não obra do acaso. ●



# INVISTA EM SANTA CATARINA.

De todas as atrações do estado,  
as maiores são para sua empresa.

Fontes: Antaq (Agência Nacional de Transportes Aquaviários); Observatório ACATE, Secretaria de Turismo de Santa Catarina; Anuário "Cidades Mais Seguras do Brasil"; Ranking de Competitividade dos Estados; IBGE; FIESC; InvestSC.



3 dos 10 maiores  
portos do Brasil



18 mil empresas  
de tecnologia



2º estado no ranking  
de competitividade  
nacional



16 milhões de  
turistas por ano



24 centros  
de inovação



50 mil indústrias  
instaladas, nos mais  
variados setores



6º maior PIB do Brasil,  
mesmo ocupando apenas  
1% do território nacional



Estado mais  
seguro do país



GOVERNO DE  
**SANTA  
CATARINA**



# INTERESSADO EM INVESTIR EM SANTA CATARINA? CONHEÇA A INVESTSC.

A **InvestSC** é a agência de promoção de investimentos oficial do Governo de Santa Catarina, criada para ajudar empresas que desejam empreender no estado com segurança, agilidade e apoio estratégico.

- Equipe especializada.
- Amplo portfólio de serviços.
- Suporte para incentivos fiscais.
- Ajuda na busca por locais estratégicos.
- Assessoria para licenças e autorizações.
- Referência na estruturação de Parcerias Público-Privadas (PPPs).

Acesse [invest.sc.gov.br](http://invest.sc.gov.br), conheça nosso trabalho e fale com a gente.

**InvestSC**



GOVERNO DE  
**SANTA  
CATARINA**